



Licenciatura em Letras

JEANE TEREZA ROSA SANTOS

**"NÓIS PRANTEMO E NÓIS VAMO CUIÊ": análise de aspectos
linguísticos na obra "Mané Tomé, o Liberto", de Aristides Fraga
Lima**

**Paripiranga
2021**

JEANE TEREZA ROSA SANTOS

**"NÓIS PRANTEMO E NÓIS VAMO CUIÊ": análise de aspectos
linguísticos na obra "Mané Tomé, o Liberto", de Aristides Fraga
Lima**

Monografia apresentada no curso de graduação do
Centro Universitário AGES como um dos pré-requisitos
para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ma. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa

Paripiranga
2021

JEANE TEREZA ROSA SANTOS

"NÓIS PRANTEMO E NÓIS VAMO CUIÊ": análise de aspectos linguísticos na obra "Mané Tomé, o Liberto", de Aristides Fraga Lima

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de licenciada em Letras à Comissão Julgadora designada pela Coordenação de Trabalhos de Conclusão de Curso da Ages.

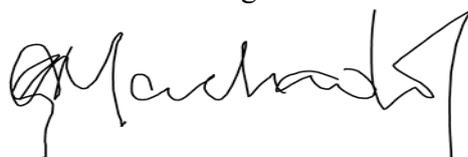
Paripiranga, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa

Ages



Prof. Glaydston Dantas Machado de Figueiredo

Ages

	Santos, Jeane Tereza Rosa, 1993
	"Nóis prantemo e nóis vamo cuiê": análise de aspectos linguísticos na obra "Mané Tomé, o Liberto", de Aristides Fraga Lima / Jeane Tereza Rosa Santos. – Paripiranga, 2021.
	65 f.: il.
	Orientadora: Profª. Ma. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa
	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Centro Universitário AGES, Paripiranga, 2021.
	1. Aristides Fraga Lima. 2. Língua. 3. Literatura.
	4. Variação linguística. 5. Elementos culturais. I. Título. II. Centro Universitário AGES.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nunca me desamparar, por ter me dado paciência, sabedoria para lidar com cada obstáculo vivenciado ao longo dessa jornada acadêmica, sou grata por ter me conduzido aos melhores caminhos e por me mostrar a cada dia que seus planos são maiores que os meus, obrigada Senhor por ter ouvido cada oração, cada súplica e por ter me dado discernimento em cada situação desafiadora a qual fui submetida ao longo desse percurso e, principalmente, por me conceder chegar a esse momento tão especial em minha vida.

Ao Centro Universitário AGES, por contribuir de forma significativa para a transformação da minha realidade por meio da educação.

À orientadora, Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa, pelo empenho dedicado na elaboração deste trabalho, pela responsabilidade na condução deste processo, vale destacar que foi um prazer inenarrável e ao mesmo tempo quando soube que seria ela minha orientadora, fiquei com um certo receio, naquele momento fui tomada pelo sentimento de responsabilidade em ser orientada por uma professora muito criteriosa, exigente e caprichosa em tudo que faz, mas mantive continuei confiante na certeza de que seria um trabalho com resultados positivos, haja a vista sua competência e didática com a qual me orientou (gosto do desafiador).

A Maria Teresa Pondé Fraga Lima, por contribuir para os resultados desta pesquisa, mostrando-se prestativa na coleta de dados e informações essenciais para a construção da biografia do seu pai, Aristides Fraga Lima, por apoiar minha produção e demonstrar tamanho interesse e satisfação em contribuir para que essa pesquisa tivesse bons resultados, estendo meu sentimento de gratidão.

À professora, Jaqueline Carvalho de Oliveira, que tive a sorte de encontrar nessa trajetória de vida acadêmica, uma educadora que além de excelente profissional e de ter uma didática incrível, agradeço o incentivo e conhecimentos adquiridos.

À professora, Aurélia Emília de Paula Fernandes, por contribuir com seus conhecimentos, por suas palavras e por me ajudar a construir minha base acadêmica.

Ao professor, Glaydston Machado, por contribuir significativamente para o meu processo de formação, por me ajudar a construir meus conhecimentos, sobretudo, por despertar em mim o gosto pela literatura. Ele, é um ser que transborda sentimentos bons, além de ser um profissional que ensina com naturalidade, é também um ser de luz, por isso

agradeço pelos seus ensinamentos. Por isso, professor Glaydston sou muito grata a você por ter feito parte da minha trajetória acadêmica, por cada troca de conhecimento, e por ser esse ser humano incrível.

Ao meu esposo, Antônio Sérgio, agradeço pela paciência, pelo companheirismo, pela confiança e pelo inventivo. Costumo dizer que muito do que hoje sou eu devo a ele, que me fez acreditar que era possível, que me amparou em todas as minhas dificuldades, ficou feliz diante de cada conquista e enxugou minhas lágrimas todas as vezes que as coisas deram errado. Obrigada pelo carinho, por não medir esforços para que eu concretizasse esse sonho, por todas as vezes que foi me levar na faculdade fizesse chuva ou não, por ter ficado com a nossa pequena para que eu pudesse ir estudar, agradeço por nunca ter soltado a minha mão sobretudo nos momentos mais desafiadores aos quais já fomos submetidos ao longo desses quase cinco anos.

A minha filha, Ana Vitória, meu exemplo de superação, força, garra e determinação, meu ser valente. Ela, é uma das pessoas que mais me motivaram e me motiva a cada dia. Agradeço a minha Filha por ter me ensinado tanto, por ter me dado tanta força, ajudando-me a ser uma pessoa cada vez melhor.

Aos meus pais, José Pinto dos Santos e Luciene Tereza da Rosa Santos, por serem exemplo de força e determinação, que sempre estiveram ao meu lado e sempre fizeram de tudo para que eu atingisse meus objetivos.

Aos meus irmãos, Daires, Bruna, Poliana e Carlos Eduardo, obrigada por me ajudar direta e indiretamente para que eu chegasse até aqui. Agradeço, pelo inventivo e por se orgulhar de mim, por acreditar no meu potencial até mesmo quando desacreditei.

A Tamires, uma amiga que tive a sorte de conhecer em meados do ano de 2020, e que se tornou alguém muito especial, fomos dupla de Estágio (a melhor dupla eu diria), juntas dividimos as dificuldades, compartilhamos experiências, conhecimentos, vivências e aprendizados que serão levados para além do âmbito educacional. Tamires foi um divisor de águas em minha vida, ela me amparou e se manteve ao meu lado, dando forças nas minhas piores situações, sorriu, vibrou e compartilhou as melhores conquistas.

A minha amiga, Andreza, que conheci em 2016, no primeiro período da graduação e de lá para cá, trilhamos juntas, nas dificuldades, na busca pelo conhecimento, uma ajudando a outra, ela esteve comigo quando sorrir e também enxugou minhas lágrimas todas as vezes que chorei, ela é uma das muitas coisas boas que o curso de Letras me possibilitou, por isso sou imensamente grata.

Aos colegas Jaqueline, Genicélia, Diana, Marciel, Taciane e Vitória por compartilhar conhecimentos, vivências e por contribuir para a concretização desse sonho.

A minha amiga, Josefa Iara, por acreditar em mim, até mesmo todas as vezes que pensei em desistir. Obrigada por ter me apoiado nas minhas escolhas e por me ajudar com as questões burocráticas da faculdade, por fazer parte da minha vida, por dividir comigo todas as minhas conquistas, e por não me abandonar nos piores momentos da minha vida.

A Ana Maria, Que tive a sorte de conviver no ambiente do LEPH, e que juntas construímos uma grande amizade, juntas idealizamos projetos e oficinas, sou muito grata principalmente por ela ter me apresentado o conhecimento sobre o escritor Aristides Fraga Lima, por ter despertado em mim a vontade de escrever um trabalho significativo que valorizasse o nosso conterrâneo, a cultura Paripiranguense e a valorização da nossa literatura.

A minha amiga e professora, Maria Leide, construímos uma amizade, que vem de tantos anos, tantos desencontros, tantas idas e vindas, ela quem me viu aprender as primeiras letras, me viu sofrer por paixões, dramas e crises típicas da adolescência, trocamos confidências, segredos e aprendizados, os anos se passaram muita coisa mudou, mas no meu pior momento ela orou por mim e não tem um só dia que eu não reze por ela, e agradeço por ela fazer parte da minha vida e da minha história, por também ser uma das incentivadoras na escolha do meu trabalho de pesquisa, por dizer que é necessário escrever algo relevante e que tenha sentido, por me mostrar o quão importante era escrever algo que valorizasse a nossa cidade, muito obrigada Leide, estou extremamente feliz com esse resultado.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta pesquisa, obrigada a cada um por contribuir para essa conquista, foram muitas lutas, muitos medos e muitas vezes pensei que desistir fosse o melhor a se fazer, mas havia uma força maior que me ajudou a seguir em frente de cabeça erguida, e mantendo a fé em Deus que os desafios seriam superados e que nesse momento o que prevaleceria seria o sentimento de gratidão por esse objetivo alcançado.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise sobre a importância da literatura no contexto educacional, apontando as variações linguísticas presentes na obra “Mané Tomé, o Liberto” de Aristides Fraga Lima. Nota-se a pertinência da pesquisa ao propor uma aula mais significativa, abrindo espaço para o conhecimento das variações linguísticas presentes nos textos literários, levando em consideração o contexto social, histórico e cultural que permeia a discussão. Como aparato metodológico a pesquisa científica é de nível básico e de abordagem qualificativa, cujo objetivo é de caráter exploratório, no que tange ao tipo de pesquisa é de cunho bibliográfico, debruçando-se em embasamentos teóricos. Vale salientar que o presente estudo teve como objetivo geral: discutir a relevância da aplicação da obra “Mané Tomé, o Liberto”, de Aristides Fraga Lima, com o intuito de promover a valorização da literatura local e incentivar a aprendizagem significativa, mediante o contexto regional, social, histórico e os aspectos linguísticos concernentes a obra. Já os objetivos específicos são: analisar a relação da literatura com os aspectos linguísticos presentes na obra “Mané Tomé, o Liberto”; destacar a importância da obra “Mané Tomé, o Liberto” como ferramenta pedagógica para análise das variações linguísticas; acrescentar a proposta aos documentos de língua portuguesa no município de Paripiranga (BA). Portanto, o presente estudo, possibilitou promover uma discussão acerca da importância da valorização da literatura local, bem como a inserção da obra de Aristides Fraga Lima no ensino de língua portuguesa no município de Paripiranga, considerando que a obra “Mané Tomé o Liberto”, apresenta uma série de fatores que contribuem para uma prática inovadora, capaz de mobilizar a aprendizagem significativa ao abranger uma gama de conhecimentos, principalmente, referente aos aspectos linguísticos, culturais, históricos e sociais, que foram o foco principal desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Aristides Fraga Lima. Língua. Literatura. Variação linguística.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the literature importance in the educational context, pointing out the linguistic variations present in the work “Mané Tomé, o Liberto” by Aristides Fraga Lima. The relevance of the research is noted by proposing a more significant class, opening space for the knowledge of linguistic variations present in literary texts, taking into account the social, historical and cultural context that permeates the discussion. As a methodological apparatus, scientific research has a basic level and a qualifying approach, whose objective is exploratory, with regard to the research type, it is bibliographical in nature, elaborating on theoretical foundations. It is noteworthy that the present study had as general objective: to discuss the relevance of the application of the work "Mané Tomé, o Liberto", by Aristides Fraga Lima, in order to promote the appreciation of local literature and encourage meaningful learning, through regional, social, historical context and linguistic aspects concerning the work. The specific objectives are: to analyze the relationship between literature and linguistic aspects present in the work “Mané Tomé, o Liberto”; highlight the importance of the work “Mané Tomé, o Liberto” as a pedagogical tool for the linguistic variations analysis; add the proposal to the Portuguese language documents in the municipality of Paripiranga (BA). Therefore, this study made it possible to promote a discussion about the importance of valuing local literature, as well as Aristides Fraga Lima’s work insertion in Portuguese language teaching in the municipality of Paripiranga, considering that the work "Mané Tomé o Liberto", presents a series of factors that contribute to an innovative practice, capable of mobilizing significant learning by covering a range of knowledge, mainly related to linguistic, cultural, historical and social aspects, which were this research main focus.

KEYWORDS: Aristides Fraga Lima. Language. Literature. Linguistic variation.

LISTA DE FIGURAS

1: Capa da obra: “Mané Tomé, o Liberto”	34
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MARCO TEÓRICO.....	14
2.1 Breve recorte da história da literatura brasileira.....	15
2.2 Apontamentos acerca da literatura local.....	17
2.2.1 Vida e obra de Aristides Fraga Lima	18
2.3 Textos literários e a variação linguística.....	21
2.4 A literatura no contexto escolar.....	31
3 MARCO METODOLÓGICO	34
3.1 Objeto de pesquisa.....	34
3.2 Características da pesquisa	36
3.3 Quanto à abordagem	36
3.4 Quanto à natureza	37
4 MARCO ANALÍTICO	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	58

1 INTRODUÇÃO

Vivemos nas escolas uma situação desafiadora no que se refere a inserção da literatura, especialmente, a literatura local, haja vista que não se tem um consenso acerca da sua importância como contribuinte para a construção das competências essenciais dos estudantes. Alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário. Para esses, a literatura é apenas um passatempo ou coisa do passado, que já deveria ter sido eliminada do currículo escolar. Atitudes como essas muitas vezes conduzem os professores a tratá-la como mero complemento do componente curricular de língua portuguesa.

Assim, a presente temática surgiu mediante uma inquietação em se tratando do conhecimento da obra “Mané Tomé, o Liberto”, a fim de analisar os aspectos linguísticos predominantes no livro, bem como sua inserção nas aulas de língua portuguesa. Sendo assim, entende-se que cada momento vivenciado pelo contexto social e histórico, consiste em observar os mecanismos e a percepção da língua, do mundo e dos sujeitos, sendo norteador do caráter dinâmico da linguagem no meio social dos falantes utentes da língua. Entretanto, nem sempre tais paradigmas são levados em consideração ou ainda não são aceitáveis dentro de um processo normativo. Sendo assim, como a obra “Mané Tomé, o Liberto” que pode servir de ferramenta pedagógica para as aulas de língua portuguesa. Vale ressaltar que, tal proposta não desconsidera o valor dos clássicos da literatura nacional.

O interesse de determinada abordagem tem como justificativa, proporcionar o envolvimento do estudante com as obras de Aristides Fraga Lima (nascido em 02 de julho de 1923 e faleceu em 06 de maio de 1996) conforme já foi mencionado, o escritor é natural de Paripiranga, e desde muito cedo manifestava interesse em ser escritor, tornando-se depois um renomado autor da literatura infantojuvenil, apresentando obras com aspectos culturais e locais do cenário paripiranguense e municípios vizinhos.

Nesse sentido, os alunos serão motivados a leitura e a escrita, pois terão como aparato, obras de um conterrâneo, trata-se de uma proposta de trabalho que torna a aula mais significativa e coloca os estudantes dentro de um processo de interação com o contexto regional, por ser centrada na realidade e cotidiano do aluno. Nesta direção, selecionamos, de sua vasta literatura, a obra denominada: “Mané Tomé, o Liberto”. Esta obra além de abordar a conjuntura social dos moradores da fazenda Triunfo, faz alusão ao contexto histórico do período escravocrata no Brasil, mostrando a relação dos senhores de engenho e escravos, evidenciando a cultura e

os costumes dos moradores do Engenho de São João do Triunfo. Ademais a referida obra, traz aspectos de ordem linguística que poderá desencadear uma análise riquíssima acerca da língua enquanto movimento, no sentido da variação linguística.

Assim, a abordagem torna-se relevante ao proporcionar o envolvimento do estudante com obras que apresentem familiaridade, com nomes de pessoas de sua cidade. Para tanto, selecionamos o autor Aristides Fraga Lima, por ter seu nome representado em diferentes famílias paripiranguenses.

É importante salientar, que embora o escritor seja reconhecido nacionalmente, suas obras ainda não têm tanta visibilidade nas escolas municipais, tendo em vista que o acervo é de difícil acesso no município de Paripiranga. Frente a essa perspectiva, torna-se necessário a inserção das obras do escritor Aristides nas aulas de língua portuguesa com o objetivo de destacar as contribuições das referidas obras e agregar valores ao ensino de língua portuguesa e literatura.

Nesta direção, podemos enfatizar que língua é concebida de infinitas maneiras, por este motivo é um processo mutável ao longo dos anos, logo não se pode pensar em uma língua invariável, única e estática que não se permita alterações, mas é necessário compreender seu dinamismo e defini-la como um objeto intrínseco ao processo de comunicação, podendo ser analisada por diversos fatores, dentre eles os aspectos sociais, históricos e culturais, que diferenciam determinadas sociedades. Dessa forma há um conjunto de heterogeneidades, que fazem da língua um mecanismo de ação, movimento e por esse motivo, variável.

Nessa vertente, o Brasil representa um cenário da pluralidade da língua, isso se dá em função da vasta riqueza populacional aqui existente, além das questões interligadas à diversidade cultural e as muitas etnias pelos fatores sociais e históricos. Nesta direção está inserido o município de Paripiranga (BA) que faz parte da região Nordeste do Brasil, e como na língua nada é por acaso, como afirma Marcos Bagno (2007), a variação linguística presente na obra e no município de Paripiranga faz jus a afirmação de Bagno. Precisamos deixar claro que a obra em questão não foi aqui entendida como uma literatura usada como pretexto para analisar a variação linguística, pois seu valor literário possibilita diferentes “diálogos”, entre estes, a variação linguística.

Ratificamos que, a opção pelo trabalho com a literatura local, decorreu da consciência de que essa tem em si elementos que possibilitam o desenvolvimento da consciência de pertencimento, entre outros aspectos historiográfico, geográfico, cultural e linguístico. Sem deixar de mencionar que a literatura desencadeia a criatividade e o letramento, oferecendo

subsídios para a compreensão do real. Sendo assim, a literatura, de um modo geral, pode ser uma fonte geradora de interesse pela leitura ao fazer a ligação entre os aspectos de ordem integral na formação do sujeito.

Escolhemos, pois, denominar esta pesquisa monográfica "Nóis prantemo e nóis vamo cuiê ": análise de aspectos linguísticos na obra "Mané Tomé, o Liberto", de Aristides Fraga Lima, para analisar a relação da literatura bem como a sua importância para o desencadeamento de uma análise riquíssima acerca da língua enquanto movimento, no sentido da variação linguística.

Nesse contexto, a pesquisa lançou mão dos seguintes objetivos: discutir a relevância da aplicação da obra "Mané Tomé, o Liberto", de Aristides Fraga Lima, com o intuito de promover a valorização da literatura local e incentivar a aprendizagem significativa, mediante o contexto regional, social, histórico e os aspectos linguísticos concernentes a obra; analisar a relação da literatura com os aspectos linguísticos presentes na obra "Mané Tomé, o Liberto"; destacar a importância da obra "Mané Tomé, o Liberto" como ferramenta pedagógica para análise das variações linguísticas; acrescentar a proposta aos documentos de língua portuguesa no município de Paripiranga.

Para tratarmos do tema aqui proposto, dividimos o texto em três partes: marco teórico, marco metodológico e marco analítico. Dessa forma, no marco teórico serão apresentados os autores que fundamentam e embasam o presente estudo, estabelecendo relação entre a origem e a importância da literatura em sala de aula e a necessidade de conhecer as variações linguísticas que fazem perceber que assim como ressaltado por Bagno (2007), na língua nada é por acaso, de modo que a literatura por ser vasta em sua subjetividade, mostra os caminhos e o dinamismo intrínseco a linguagem. Assim, trará discussões por meio de teóricos importantes com Bagno (2004), Faraco (2005) Ilari (2002), Marisa Lajolo (1995) dentre outros autores que fomentam essa pesquisa e trazem grandes contribuições.

O marco teórico, está dividido em cinco tópicos importantes, o primeiro intitulado: breve recorte histórico da literatura no Brasil, será apontado o percurso histórico da obra literária no Brasil; o segundo trata dos apontamentos acerca da literatura local; o terceiro trará aspectos voltados para a vida e obra de Aristides Fraga Lima, pontuando a relação do escritor e os elementos que envolvem a obra que foi *corpus* de análise das variações linguísticas no marco analítico; o quarto tópico será destinado ao estudo da relação que envolve o texto literário e as variações linguísticas e o quinto e último tópico faz alusão a literatura no contexto escolar, destacando que este é um instrumento fundamental para a vida de todo ser humano e, portanto, é crucial sua inserção no currículo escolar.

No marco metodológico, serão apresentadas as fontes que a pesquisa se utilizou, inicialmente trazendo o objeto de estudo, de modo que seja evidenciado os aspectos acerca do que está sendo analisado e em quais aparatos metodológicos a pesquisa se insere.

O marco analítico, fará a análise das variações linguísticas presentes na obra “Mané Tomé, o Liberto”, de modo a explicitar que as variações são decorrentes do contexto social, histórico, regional e cultural que envolvem o enredo da história analisada, de forma que sugere a obra como ferramenta pedagógica, haja a vista as infinitas possibilidades de trabalhar de forma interdisciplinar, pois se trata de uma literatura que abrange várias áreas do conhecimento.

2 MARCO TEÓRICO

A literatura é plena de saberes sobre o ser humano e o mundo e, nesta direção, acreditamos que ela tem o poder de manifestar-se em todas as formas discursivas. Assim, pensar a literatura é inicialmente estabelecer relações entre a obra literária e o processo natural da linguagem em sua multiplicidade, considerando o contexto social, regional, cultural e histórico. Além de compreender o verdadeiro exercício artístico da linguagem, um processo dinâmico, com diversas ramificações, uma forma sutil de refletir o modo com o qual se vê a vida e o mundo ao seu redor. Nesse viés, a literatura faz um uso especial da linguagem com o objetivo de criar, demonstrar ou imitar a realidade.

Sob essa vertente, a literatura é um instrumento atemporal capaz de transmitir um emaranhado de sentimentos e emoções, encantar e desencantar com a vida cotidiana, além de enlaçar-se em verdades científicas do tempo, ser imagem, ser palavra, ser incógnita, ser imensidão e ser fictício sem perder a essencialidade do real.

Torna-se importante dizer, que a literatura é de suma importância para a concepção de mundo, além de apresentar relevância sob o ponto vista social e cultural, assim, é necessário questionar como a literatura permite o contato da memória com os objetos do mundo e a linguagem. Nota-se que ao longo do percurso histórico, a literatura foi interpretada de maneiras diferentes, dividindo opiniões e posicionamentos acerca dos limites entre o que é e o que não se pode considerar literatura.

Como nosso objeto de pesquisa está centrado na literatura e como esta pode ser incorporada no currículo escolar, buscamos compreender, neste capítulo, algumas linhas de estudo que defendem a referida ideia. Nesta direção, inicialmente, vamos tentar dialogar com alguns estudos acerca do surgimento da literatura brasileira e a relação desta com a variação linguística do povo brasileiro. Fomos buscar, também, estudos voltados para a aplicabilidade pertinente de um currículo literário na escola, sem deixar de mencionar, a pesquisa sobre os estudos voltados para a literatura local e, como não podia deixar de fazer, buscamos estudos que nos esclarecessem sobre o autor da obra escolhida, ou seja, Aristides Fraga Lima.

2.1 Breve recorte da história da literatura brasileira

Para entender a literatura brasileira é necessário recorrer a explicação do seu panorama histórico. Nesta direção, os registros históricos afirmam que essa teve como marco inicial a chegada dos colonizadores, haja vista que até 1500 os habitantes do Brasil não possuíam uma representação gráfica. Assim, mesmo que não seja o que comumente denominamos de literatura, haja vista ser um documento histórico, a carta de Pero Vaz de Caminha é considerada o primeiro documento escrito, ou seja, a primeira produção literária que permeia a literatura brasileira. Neste sentido, esse documento simboliza o início do que se entende por literatura brasileira.

Diante disso, é necessário destacar que para compreender a origem literária no cenário brasileiro, faz-se importante atentar que as produções da época eram marcadas pela literatura de informação, ou seja, as manifestações ocorridas, se prendiam basicamente a descrição da terra e dos povos indígenas, ou ainda estava intrinsecamente ligada a textos escritos pelos viajantes, pelos Jesuítas e missionários que fizeram parte do início da colonização. Partindo dessa premissa, é importante destacar as manifestações literárias fortemente marcadas nesse período, tais como a literatura informativa, representadas por documentos, cartas e relatos de navegantes, e a literatura catequética representada pelo padre José de Anchieta, cuja missão principal era realizar seu trabalho de catequese com os nativos.

Vale mencionar que nesse período, o Brasil, mesmo ainda não apresentando condições necessárias para uma produção literária, contava com a contribuição de dois autores: o padre Antônio Vieira, intimamente ligado a vida da colônia e Gregório de Matos, que recebeu influências do cultismo de Góngora de conceptismo de Quevedo, seu espírito profundamente barroco pode ser percebido na paradoxal diversidade dos temas que desenvolveu em sua obra a poesia sacra (temática religiosa), lírico-amorosa e poesia satírica. Assim, a literatura corresponde a uma vasta compreensão do mundo sensorial e da arte, envolvendo a subjetividade da expressão artística.

Acrescentamos, mesmo que de forma resumida, que a literatura brasileira é convencionalmente dividida em escolas literárias com objetivos didáticos, haja vista que agrupa produções literárias com características similares de acordo com o contexto histórico, pois, a história e a literatura estão intrinsecamente relacionadas, haja vista a influência dos fatos históricos no fazer literário de cada época. Nesta direção, conforme já

mencionado, a literatura brasileira começou na chamada “Era Colonial” (de 1500 a 1808), representada pelas seguintes escolas: Quinhentismo, Barroco e Arcadismo.

Após o período histórico de 1836, considerado de transição, o Brasil alcança a “Era Nacional”, essa reúne a produção literária de 1836 até a contemporaneidade. Nessa, destaca-se a estética e a autonomia literária, nascendo finalmente uma literatura com a “cara do Brasil”, retratando as características culturais, sociais e linguísticas, fato que desencadeou os seguintes estilos (movimentos) literários: Romantismo; Realismo; Simbolismo; Modernismo e Tendências contemporâneas¹.

Além disso, é importante destacar que a literatura, sob o ponto de vista social e cultural, é o que permite o contato da memória com os objetos do mundo através da linguagem, pois, através dessa o homem é capaz de organizar, ampliar e retomar as suas lembranças por processos discursivos, envolvendo a interpretação, sendo que, na leitura, as múltiplas vozes do texto literário desenvolvem a capacidade humana de criar símbolos, mediando a relação homem/mundo. Ao narrar as lembranças, somos levados a pensar, e, assim, nos inscrevemos na história.

Marisa Lajolo (1995), discute que o século XIX, foi crucial para o entendimento do conceito de literatura brasileira, haja a vista que a obra literária ganha mais espaço por meio do interesse nas leituras dos folhetins, e o gosto pela produção escrita por Machado de Assis. A referida estudiosa discute, ainda, que para fins literários, o século XIX, corresponde ao fechamento de um ciclo, um pouco antes da virada para mil e novecentos.

Tal fato, funciona como uma espécie de pano de fundo para o que se entende por construção do pensamento e ideologias, fortemente expressas nos escritos. Seguindo essa linha de pensamento, as características e peculiaridades eram fortemente marcadas pela subjetividade, pela crença no poder da linguagem como forma de imaginar o mundo ou como forma de recriar com transparência uma realidade que se almejava definitiva, teve sua hora e sua vez. Nascia ali, a busca pelo idealismo da mimética, objetivando aproximar-se de tudo que pertence ao real, ou pelo menos de tudo que se supunha ou se assemelhava a realidade. Frente a esse paralelo, Lajolo (1995), assinala que, desacredita-se de uma realidade compreensível, de um real convencível a palavras, de um mundo cuja significação esteja no exterior da linguagem.

¹Ratificamos que cada escola (estilo ou movimento) literário tem uma relação direta com os fatos de ordem histórica; cultural e social de cada época. Nesta direção, vale esclarecer que, nesta pesquisa, não adentramos no estudo voltado para o aprofundada de cada uma das escolas literárias, haja vista não ser, exatamente, nosso objeto de investigação.

Assim, como as demais artes, a Literatura reflete as relações do homem com o mundo e com os seus semelhantes. Na medida em que essas relações se transformam historicamente, a literatura também se transforma, visto que é sensível às peculiaridades de cada época, aos modos com os quais se encara a vida, de problematizar a existência, de questionar a realidade, e da capacidade de organizar a convivência social. Diante disso, as obras de um determinado período histórico, ainda que se diferenciem uma das outras, possuem certas características comuns que as identificam. Tais características representam a mentalidade predominante na época, quanto às formas, às convenções e às técnicas expressadas pelos autores.

Percebe-se que a obra literária utiliza a palavra, recria a realidade e a vida. Tal definição localiza dois aspectos contrapostos, mas que se interligam, da arte literária a criação e representação. Por um lado, a literatura é vista como invenção. O autor cria uma realidade imaginária, fictícia. Por outro lado, apresenta uma outra faceta, um universo da ficção que mantém relações vivas com o mundo real. Nesse sentido, a literatura se apresenta como a imitação da realidade.

Nesse sentido, ao longo do tempo, a literatura vai demarcando território e apoiando-se em elementos sociais, históricos e culturais. Sob esse prisma Lajolo (1995), enfatiza que a literatura representa a posição culta, a qual se insere em uma tradição cultural, resultante de muitos séculos e civilizações já vividas. Mediante ao exposto, cabe enfatizar que a obra literária compreende a um objeto social. Outrossim, para que ela exista e resista é necessário que outros a possa ler. Trocando em miúdos, ela só se concretiza quando ocorre esse intercâmbio social.

2.2 Apontamentos acerca da literatura local

Levando em consideração que a literatura é um conjunto de fatores sociais, históricos e culturais, expressando marcas muito profundas, peculiares e intrínsecas ao seu lugar social de origem, vê-se que para falar sobre a literatura local, é necessário atentar-se aos fatores culturais, históricos, geográficos e sociais predominantes do local analisado, com o intuito de compreender os elementos que corroboram para o surgimento da literatura naquele espaço.

Vale destacar que a obra literária de Aristides Fraga Lima, escritor natural de Paripiranga (BA), é uma forte aliada a exemplificação de uma literatura local, haja vista, conforme já mencionado, trata-se de um autor nascido na localidade e que tem relação

familiar com moradores locais, além das características do enredo e dos aspectos linguísticos presentes na obra “Mané Tomé, o Liberto”, que possibilita o entendimento acerca da importância da implementação da literatura local no currículo escolar. Ratificamos que a obra em questão possibilita uma proposta de trabalho que torna a aula mais significativa e coloca os estudantes dentro de um processo de interação com o contexto local, por ser centrada na realidade e no cotidiano do aluno, além de fazer a análise das variações presentes. O escritor em destaque, é de grande contribuição para a valorização da produção literária local e regional.

Nesse sentido, é importante dizer que “Mané Tomé, o Liberto”, foi uma história escrita por Aristides Fraga Lima, em 1983, quando sua filha Mônica, tinha 13 anos de idade, e a família foi passar o São João na fazenda Triunfo, de seus tios Plínio Garcez de Sena e Consuelo Pondé de Sena. A referida obra, foi escrita, a pedido de Mônica, tendo em vista seu encantamento com as belezas e apreço que tinha pela fazenda, e por esse motivo pediu para seu pai escrever uma narrativa sobre aquele lugar que ela gostava muito.

Faz-se necessário dizer que o contexto ao qual Aristides estava inserido, mostra claramente os elementos concernentes a sua obra. Nesse contexto, Pimentel (2004), discute que o cenário e a vida no campo são aspectos fortemente evidenciados nas suas produções literárias.

2.2.1 Vida e obra de Aristides Fraga Lima²

No dia 02 de julho de 1923, em uma pequena cidade chamada Paripiranga, no estado da Bahia, nasceu, Aristides Fraga Lima, tendo como pai o senhor Aristides Santos Lima e como mãe, a senhora Joana Fraga Lima, ele teve 10 irmãos, mas quatro deles faleceram ainda recém-nascidos e os demais se criaram. Dulce Fraga Lima, Adelstan Fraga Lima, Gerson Fraga Lima, Venefredo Fraga Lima, Taurina Fraga Lima, Leônidas Fraga Lima, Eratóstenes Fraga Lima.

O pequeno Aristides, juntamente com seus irmãos tiveram uma vida simples, e diante do cenário de pobreza ele precisava andar muitas léguas até chegar à escola. No caminho de volta ele aproveitava para caçar passarinhos com o seu badogue, o menino gostava de pescar e

²Os dados apresentados da vida e obra de Aristides Fraga Lima foram informados por uma de suas filhas, no caso: Maria Teresa Pondé Fraga Lima.

caçar. Ainda na fase de infância, juntamente com sua família, mudou-se de cidade, e passaram a morar em um pequeno distrito conhecido por Saco-grande, localizado no município de Simão Dias, no estado de Sergipe, cidade adjacente de sua terra natal. Foi nesse momento que deu início ao estudo das primeiras letras.

A vida no campo apesar de não dispor de muitos recursos financeiros, foi capaz de propiciar muitas vivências pautada na alegria e cresceu cercado de muito amor, o contato com a zona rural fez dele um amante da natureza, um defensor dos animais e do universo a sua volta, desde de garoto, foi muito estudioso, e logo manifestou interesse pela escrita, aos cinco anos de idade, o pequeno Aristides disse para seus pais que um dia seria um grande escritor.

Posteriormente, Aristides e sua família, mudaram-se para outra chácara na capital sergipana na busca pelo conhecimento, Aristides, estudou o primário em Paripiranga e em Simão Dias, e iniciou os estudos secundários em Aracaju, no entanto, é importante salientar que seu processo de escolarização foi conturbado, haja a vista as muitas vezes que ele e sua família precisaram mudar de cidade. Na fase da sua adolescência, antes de ir para o seminário, ele estudou no Colégio Salesiano e no Ateneu ambos em Aracaju (SE), depois foi para o Seminário de Aracaju e para continuar a sua vida de estudos foi também para o seminário de Olinda – Pernambuco.

Segundo Maria Teresa P. Fraga Lima, Aristides, tinha alguns amigos desde a fase da adolescência, e ele os considerava amigos-irmãos, pessoas com as quais manteve contato até falecer. Aristides era calado, mas ao mesmo tempo amável, conforme mencionado Aristides, foi muito estudioso, falava sete línguas, mas sempre se mostrou uma pessoa simples e humilde embora muito culta, formado em Letras neolatinas e em Ciências Jurídicas e Sociais, pelas Faculdades de Filosofia e Direito, da Universidade Federal da Bahia. Dedicou-se ao magistério, como professor de francês, Inglês, Italiano, Espanhol, Latim e Grego, sua predileção, porém, é por Português, que ensina como membro do Magistério Estadual da Bahia e do Colégio Militar de Salvador.

Passou sua vida adulta em Salvador (BA), casou-se com Solange Pondé Fraga Lima, no dia 14 de fevereiro de 1959, juntos construíram uma família e tiveram cinco filhos, oito netos e dois bisnetos. No dia 03 de abril do ano 1960, o casal foi agraciado com o nascimento da sua primogênita, Marta Pondé Fraga Lima; e no dia 21 de fevereiro de 1962, o escritor teve a felicidade de vivenciar a chegada do segundo filho, que recebeu o nome de José Marcos Pondé Fraga Lima, em 04 de janeiro de 1965, Aristides e sua estimada esposa tiveram a alegria de receber em seu lar, mais uma filha, que a chamaram de Maria Teresa Pondé Fraga Lima, a família estava aumentando e pouco tempo após o nascimento de Maria Teresa, em 12

de agosto de 1966, nasceu Aristides Fraga Lima Filho; e no dia 12 de abril do ano 1970, nascia sua caçula Mônica Pondé Fraga Lima, filha para a qual Aristides Fraga Lima no prefácio da obra “Mané Tomé, o Liberto” escreveu uma dedicatória.

Diante do pedido da sua filha, Aristides desenvolveu uma pesquisa aprofundada, a respeito dos elementos que envolvem a fazenda triunfo, nas palavras do escritor, ele buscou fazer a melhor interpretação sobre as crônicas encontradas por sua caçula, trazendo como protagonista principal “Mané Tomé”, a narrativa se desenvolve no Engenho São João do Triunfo, Aristides deixa evidente que sua filha Mônica iria gostar da história, visto que ela tinha apreço pela fazenda, sendo na concepção dele um dos lugares de lazer de sua filha mais nova, pois ali ficava ao lado de alguns familiares, em especial seus tios Plínio Garcez de Sena e Consuelo Pondé de Sena.

Levando em consideração que o escritor começou a produzir o livro em 1983, mas a publicação só aconteceu em 1990, é preciso chamar a atenção para o fato de que “Mané Tomé, o Liberto,” foi uma obra que demandou mais pesquisa e aprofundamento, haja a vista que diferentemente das obras “A serra dos dois meninos”, “Os pequenos jangadeiros”, “Perigos no mar” e as demais obras do autor, “Mané Tomé o Liberto”, envolve um arsenal de elementos linguísticos, históricos, culturais e sociais, que fizeram com que o processo de escrita fosse mais detalhado e, por consequência, demorasse mais para finalizar a escrita.

Além disso, é preciso considerar que as editoras da época, delongava tempo para a publicação das obras, ademais antes de mandar os escritos para o processo de publicação, a irmã mais velha do escritor, Dulce Fraga Lima, datilografava tudo em máquina de escrever o que tornava o processo de publicação mais tardio, por esses fatores a obra foi escrita em 1983, conforme já mencionado e só teve sua publicação em 1990.

Aristides adorava ficar com os filhos, aproveitar os momentos em família, ir ao clube tomar um banho de piscina, mas não gostava de praia. Adorava levar a família nas férias para a fazenda que tinha em Catu na Bahia ou para a Ilha de Itaparica, também na Bahia. Gostava de jogar buraco e gamão. Era muito amoroso com os filhos. Difícil não gostar dele, pois era uma pessoa de personalidade calma, tranquila e que não gostava de brigas nem desavenças.

Em conversa com seus filhos, o escritor sempre narrava histórias, aventuras, brincadeiras e fatos da vivência em família, nos tempos de criança, quando ainda residia na pequena cidade de Paripiranga, referia-se a cidade com muito zelo e apreço, fazendo com que sua família também tivesse admiração por sua terra natal.

Nota-se que ele foi um renomado escritor Paripiranguense, reconhecido por ser um intelectual da literatura infantojuvenil, em sua homenagem em Salvador no bairro da Pituba,

tem uma rua que leva o seu nome, inclusive na inauguração da rua Aristides Fraga Lima, a família, foi convidada para prestigiar o evento. Além disso, o colégio militar de Salvador, onde o escritor foi o primeiro professor, assim que foi fundado, atualmente tem um pavilhão de aulas que também homenageia o então escritor.

Aristides, realizou seu desejo de se tornar um escritor, escreveu dez obras, sendo elas, “A Serra dos Dois Meninos”, “Os pequenos jangadeiros”, “Perigos no mar”, “O menino e o jegue”, “Vida e obra de D. Avelar Cardeal Brandão Viela”, “O filho do caminhoneiro”, “Mané Tomé, o Liberto”, “O administrador do rei”, “Os barqueiros do São Francisco” e “O louco da gruta”. Todas obras com exceção Vida e obra de D. Avelar Cardeal Brandão Viela, uma obra biográfica sobre o arcebispo de Salvador.

Diante disso, Aristides Fraga Lima, foi um homem íntegro, e a “frente do seu tempo”, destacou-se por transformar a literatura local paripiranguense, tornando-se um escritor atemporal, de modo que suas obras oferecem subsídios e/ou ferramentas pedagógicas para o ensino de língua portuguesa e da literatura, por sua singular subjetividade, e sua vasta riqueza sobretudo, no tocante aos elementos históricos, culturais, linguísticos, geográficos, regionais e sociais tipicamente envoltos e concernentes as obras de Aristides.

No entanto, por mais clichê que possa soar, é preciso dizer que tudo finda, e conforme pontuado pelo próprio escritor ao finalizar a obra “Mané Tomé, o Liberto,” “tudo passa”, a vida é uma viagem e no trem da vida, somos meros passageiros, foi assim que no dia 06 de maio de 1996, na capital baiana, por complicação de diabetes, faleceu Aristides Fraga Lima, um renomado escritor natural de Paripiranga, situada no interior do estado da Bahia.

Deixando um grande legado, muitos ensinamentos e exemplo a ser seguido, motivo de orgulho para seus familiares em especial sua esposa Solange Pondé Fraga Lima, seus filhos, Marta Pondé Fraga Lima, José Marcos Pondé Fraga Lima, Maria Teresa Pondé Fraga Lima, Aristides Fraga Lima Filho e Mônica Pondé Fraga Lima, seus netos e bisnetos, bem como seus conterrâneos e todos os que tiveram a oportunidade de conhecer o estimado escritor, ou até mesmo de apreciar suas obras, sua vida e sua história, o escritor foi sepultado no cemitério Campo Santo, mas permanece vivo internamente para aqueles que vos amou.

2.3 Textos literários e a variação linguística

O trabalho com textos literários requer uma atenção ao estilo e aos mecanismos linguísticos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa “O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem” (BRASIL, 1997, p. 26). Portanto, a leitura de textos literários em sala de aula permite abordar diversos aspectos inerentes a este gênero, como os seus escritores em seu contexto cultural e histórico, a sua seleção linguística e a preocupação estética, o emprego do jogo e a mistura de imagens. Para Marisa Lajolo:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Para isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas por que precisa ler muitos (1999, p. 106).

Através da literatura, os alunos tanto podem aprimorar sua escrita, reconhecendo e utilizando os diversos recursos expressivos da língua, como também podem ampliar sua percepção e visão de mundo, desenvolvendo sua autonomia como escritor e, principalmente, como leitor. A leitura de textos literários pode despertar a sensibilidade dos estudantes com as palavras e com o mundo e favorece uma maior intimidade com a linguagem, incentivando a linguagem oral e escrita.

Na perspectiva da linguagem oral para fins comunicativos existem diferentes formas de textos fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal até a mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade secundária. Considerando esta posição, nós brasileiros, por exemplo, seríamos hoje um povo de oralidade secundária, tendo em vista o intenso uso da escrita neste país (MARCUSCHI, 2004, p. 26).

Muitos textos literários podem oferecer oportunidade para verificação com relação aos fenômenos de variação linguística, tanto na perspectiva da interação intergruparal como na da relação intrapessoal. A literatura brasileira, desencadeada pela literatura nacionalista do Romantismo, fecundaram o solo da inquietação modernista e ali se desenvolveram, possibilitando uma vertente da paisagem literária bastante variada, cujos frutos saborosos apreciamos na literatura brasileira contemporânea.

Em torno desse posicionamento, Neto (2004), discute que, as línguas são uma sucessão temporal de estágios, ou seja, de sincronias e para cada estágio observa-se um

conjunto de variações regionais, isto é, os dialetos e variações sociais, compreendidas como dialetos sociais ou socioletos. Tais considerações, estão fortemente evidenciadas nas produções de Aristides Fraga Lima, principalmente em "Mané Tomé, O Liberto".

De antemão, é cognoscível que a língua, corresponde a uma série de fatores, dentre eles o contexto social, regional e cultural. Sendo assim, Neto (2004), vem ressaltar que a língua de um povo não se distingue em princípio da história desse povo; nem se distingue da organização social desse povo a cada momento da história. A língua não pode ser vista como um fenômeno isolado, que se dissocia da psicologia do falante, dessa maneira, de acordo com Neto (2004), é categórico ao afirmar que: “Não se pode separar a linguagem do meio social em que ela é usada, não se pode separar a linguagem dos processos psicológicos que, de certa forma, "organizam" para os falantes essa linguagem” (p. 19).

Outrossim, a literatura de Aristides Fraga Lima, apresenta a possibilidade de se aprender a linguagem em suas múltiplas relações com o homem e com as instituições humanas, fazendo um elo com o contexto ao qual os sujeitos estão inseridos e as particularidades linguísticas, típicas de sua regionalidade.

Frente a essa perspectiva, Borges (2004), salienta que, o conjunto de relações, imbricações e superposições que a língua mantém é tão grande que o homem, diante dela, se sente como diante de uma floresta, repleta de árvores, arbustos, por se tratar de um fenômeno natural.

Em se tratando de variações da língua, Antunes (2007) aborda em outras palavras que as regras gramaticais não devem ser rígidas, elas têm de ser funcionais no sentido de assumir variações. A autora também explica que há muitos equívocos no ensino de língua portuguesa, inclusive no tangente às nomenclaturas gramaticais, para ela explicar as nomenclaturas não é ensinar gramática, pois, dá-se o nome, mas não é explicado o significado real, com exemplos que tenham a ver com a realidade.

Nessa vertente, o Brasil representa um cenário da pluralidade da língua, isso se dá em função da vasta riqueza populacional aqui existente, além das questões interligadas a diversidade cultural, as muitas etnias e pelos fatores sociais e históricos. Nesse sentido, é preciso considerar que a língua portuguesa se modificou até chegar ao estágio atual, é válido lembrar que ela é derivada do latim.

Diante disso, chega a ser ingenuidade pensar em uma língua em dimensões de “certo” ou “errado”, mas considerar e, principalmente, respeitar as variações oriundas à natureza linguística, partindo desta premissa, não cabe analisar os falares sob a ótica do padrão de

beleza, que categoriza como mais bonito ou mais feio, o que existem são falares diferentes que consolidam uma época, uma região e uma cultura que constitui cada momento social.

Nesse sentido, é necessário dizer que a literatura, por sua vez, é um instrumento capaz de registrar os fatos e transformações sociais ao longo do processo histórico, de modo que aponta para as injustiças, e “feridas” no seio da sociedade, além de mostrar a natureza linguística e poética inerente a vida cotidiana.

Nesse sentido, cabe destacar que a literatura pode ser pensada como uma ferramenta imprescindível no que tange ao registro de uma identidade cultural, histórico e social de um povo e determinadas situações ocorridas ao longo do tempo. Assim, por meio da literatura local é possível encontrar a presença de elementos e variações linguísticas.

Nessa vertente, as obras literárias, apresentam-se enquanto possibilitadoras para o ensino de língua portuguesa, tendo em vista, que retrata uma multiplicidade de aparato linguístico provenientes da língua portuguesa. Frente a essa perspectiva, é de suma importância que o profissional docente, principalmente da área de língua portuguesa, busque trabalhar a leitura e a escrita por meio dos elementos presentes no cotidiano do aluno, envolvendo a subjetividade, vivências e aspectos culturais que fazem parte do contexto que estão inseridos.

Faraco (2018), discute que ainda que a língua passe por diversos ajustes e padrões, é impossível torná-la homogênea, uma vez que, os falantes carregam consigo um percurso histórico e cultural, sendo que tais fatores influenciam significativamente. Seguindo essa linha de pensamento, é necessário que haja uma conscientização dos falantes acerca dos parâmetros linguísticos, de modo que seja dialogado sobre os aspectos formais e informais dentro de uma abordagem reflexiva e contextualizada, sendo essa uma forma de agregar sentido nos conteúdos trabalhados.

Os estudos linguísticos propõem analisar a língua no contexto de interação, tendo como finalidade a observação voltada para além das diferenças estruturais, analisando também os fatores extralinguísticos que contribuem para as diferentes realizações de uma mesma língua, em contextos sócio-históricos diversos.

Ao analisar os fatores linguísticos, torna-se necessário quebrar os estereótipos de “certo” ou “errado” na língua, visto que, por zelo as normas gramaticais, muitas vezes, as pessoas ainda a associam a forma de falar como uma ideia de deformação da norma culta, o que não necessariamente é verdade, principalmente quando se considera que existe uma grande diferença entre variação linguística e erro gramatical. Diante do exposto, torna-se

evidente que a língua, pode sofrer modificações de acordo com um conjunto de fatores tais como, gêneros, geografia e grau de escolaridade.

Seguindo essa linha de raciocínio, enfatiza-se que a língua é variável e sócio historicamente constituída, entretanto, no que se pode observar essa visão não prevalece com tanta ênfase na prática cotidiana, visto que muitas pessoas seguem arrisca o que é prescrito pela gramática normativa, desconsiderando a mutabilidade da língua, apresentando o “certo” em oposição ao “errado” em língua materna.

Além disso, torna-se importante perceber a heterogeneidade linguística que é vista na relação com o social e frente a sua própria subjetividade, o sujeito é livre para escolher e adequar-se as várias situações de uso da língua. As diversidades coletivas ou individuais, são formas de identificação dos membros de uma nação, ligados por traços socioculturais, econômicos e políticos, tradicionalmente firmados, identificam-se e distinguem-se dos membros de outra pelo seu instrumento de comunicação. Sendo assim, não há língua sem variação, no contato entre línguas, ou entre falantes elas se individualizam, modificam e variam. Além disso, historicamente as línguas sofrem alterações, já que uma língua é um objeto histórico, enquanto saber transmitido, estando, portanto, sujeita às eventualidades próprias de tal tipo de objeto.

Nesse paralelo, é preciso considerar que as variações podem ocorrer nas diversas manifestações da língua, é uma característica inerente das línguas naturais. Constitui um fenômeno regular, sistemático, motivado por regras do sistema linguístico, cada uma delas possui suas regras próprias e não aleatórias.

Para Bagno (2004), não há uma língua homogênea, pronta, mas sim um conjunto de heterogeneidades devido a dinâmica da língua, bem como de suas variações; pensar que a língua não sofre alterações é “idealismo” que muitas vezes serve de exclusão social para classes menos privilegiadas. Diante disso, faz-se necessário que o professor de língua portuguesa apresente para seus alunos as possibilidades de variação da língua de maneira a não restringir somente a norma culta, que não dá conta das necessidades das comunidades, visto que nem mesmo os mais “cultos” falam de modo a obedecer às regras do português padrão.

Muitas vezes a língua é considerada um sistema de códigos que, por sua vez, é aprendido pelos falantes com a finalidade de adquirir o processo de comunicação entre as comunidades utentes a língua. No processo de linguagem, enfatiza a importância da interação voltada para o significado de mundo, destacando que a linguagem é social, histórica e coletiva, na qual o indivíduo significa o mundo através da relação com o outro e da

socialização entre os demais falantes. Para Travaglia (2009), essa concepção da língua é um conjunto de signos que se combinam segundo as regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve então, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada, como o uso do código que é a língua é um ato social, envolvendo conseqüentemente pelo menos duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida e convencionada para que, assim, a comunicação aconteça.

Bagno (2004), pontua que, o preconceito linguístico se baseia na crença de que existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”.

As variações linguísticas presentes na obra de Aristides Fraga Lima, marcam as características de um povo interiorano, que não fala errado, mas que tem peculiaridades na língua, oriundas de uma série de fatores, tais como escolarização, idade, geolocalização e regionalidade. Partindo desse pressuposto, Bagno (2006) discute que é necessário tomarmos consciência de que nada na língua acontece por acaso, de modo que na língua não existe “certo” ou “errado”, levando-se em consideração que o sujeito, possui individualidades que, firmam sua cultura e identidade.

Entende-se que a língua pode ser observada como um fenômeno de expressão do pensamento e instrumento de comunicação, a língua também é vista fora de seu contexto de utilização, fundamentando-se nos pressupostos do estruturalismo. Partindo deste conceito, é pertinente dizer que a língua é um sistema de códigos que, por sua vez, é aprendido pelos falantes com a finalidade de adquirir o processo de comunicação entre as comunidades utentes a língua. No processo de linguagem, enfatiza a importância da interação voltada para o significado de mundo, destacando que a linguagem é social, histórica e coletiva, na qual o indivíduo significa o mundo através da relação com o outro e da socialização entre os demais falantes.

Enfatiza-se, que os fenômenos linguísticos podem ser observados de maneira que se possa considerar além das relações internas das estruturas linguísticas, visando fazer uma analogia no que diz respeito aos fatores externos que apresentam influências no que diz respeito ao processo de mudança da língua. Tais fenômenos passam a ser estudados para a interpretação da variação linguística oriunda do contexto sócio-histórico da ação

comunicativa entre os falantes das comunidades analisadas que, por sua vez, poderá desmistificar a ideia de “certo” e “errado” mediante o conceito das variações linguísticas.

Faz-se importante pensar o papel que o ensino de língua portuguesa desempenha na construção e na transmissão dessa língua e o que representará para as gerações seguintes, o valor atribuído à língua portuguesa, além do modo como, nos materiais dedicados ao ensino, eram colocados os conceitos, concepções do que é saber a língua. Muitos estudiosos da língua demonstram que, no período medieval, quando houve as primeiras tentativas de escolarização no mundo português, o modelo latino foi adotado para a elaboração dos materiais, concebendo a língua como fonte de manutenção da cultura de um povo, poder e status.

Em muitas situações a variação linguística passa a ser vista como sinônimo de deformação da norma culta da língua e assim, pode em um processo ainda comum que se torne um símbolo de preconceito linguístico. Dessa forma, é necessário destacar que, majoritariamente, os estereótipos em si tratando das variações linguísticas, estão associados à falta de compreensão das mudanças e variações as quais a língua, rotineiramente passa.

Sabendo que a língua é individual e social, faz-se importante frisar que o português brasileiro, assim, como as demais línguas deve ser apresentado em uma perspectiva de variação dialetal e que o conhecimento da norma culta não deve ser descartado, tendo em vista que o conhecimento de norma culta oferece subsídios para se expressar e escrever, cabe reforçar que a língua materna do falante não pode ser considerada como inferior, devendo esta ser respeitada.

Nessa vertente, Bagno (2006) também deixa claro que “Na tradição de ensino da língua portuguesa no Brasil existe um mito que há muito tempo vem causando um sério estrago na nossa educação. É o mito da unidade linguística do Brasil” (p. 18). Partindo desse contexto, é de suma importância dizer que o Brasil, é palco para as múltiplas facetas da língua, que está sujeita a mudanças e/ou variações de acordo com a região, o grau de escolaridade, o gênero e o sexo do falante, por isso, a língua não é um mecanismo imutável, que não permita adequações ou até mesmo alterações de algumas palavras ao longo do tempo.

Considerando as multiplicidades inerentes a língua, e sob o prisma de Bagno (2006), afirmamos que a língua, está em constante mudança, não somente nas variações regionais, pois as variações também podem aparecer na condição de sexo, escolarização, classe social dentre outros fatores que corroboram para a variação linguística, sendo assim o autor destaca que:

A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo assim por diante. (BAGNO, 2006, p. 21).

Diante dessa perspectiva, o autor destaca que “Cada pessoa tem a sua língua própria e exclusiva, mas também não pode deixar que ela a separe da comunidade em que está inserida” (BAGNO, 2006, p. 22). Outrossim, é preciso considerar a heterogeneidade linguística, de modo que seja vista na relação com o social e frente a sua própria subjetividade, o sujeito é “livre” para fazer suas escolhas bem como, adequar-se as várias situações de uso permissíveis da língua. As diversidades, coletivas ou individuais, são, portanto, formas de identificação dos “membros de uma nação, ligados por traços socioculturais, econômicos e políticos, tradicionalmente firmados, identificam-se e distinguem-se dos membros de outra pelo seu instrumento de comunicação.

Diante disso, não há língua sem variação, no contato entre línguas, ou entre falantes elas se individualizam, modificam e variam. Além disso, historicamente as línguas sofrem alterações, já que uma língua é um objeto histórico, enquanto saber transmitido, estando, portanto, sujeita às eventualidades próprias de tal tipo de objeto.

Porque toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também muda com o tempo. A língua que falamos hoje no Brasil é diferente da que era falada aqui mesmo no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada aqui mesmo dentro de trezentos ou quatrocentos anos! (BAGNO, 2006, p. 23).

Diante dos estereótipos criados e a presença do preconceito linguístico, não são levados em consideração alguns aspectos que contribuem para que a variação linguística ocorra, dentre eles, escolaridade do indivíduo, visto que um cidadão não escolarizado, não obtém um arcabouço teórico que possibilite a facilidade e o domínio da norma culta da língua, por isso, faz-se importante entender que até mesmo as pessoas que são escolarizadas não falam de maneira culta o tempo todo.

Entretanto, essa não é uma tarefa fácil, visto que a língua dita como culta é incutida no âmbito educacional e adotada por todos aqueles que em situações formais objetivam alcançar prestígio social, e os indivíduos que não têm a oportunidade para tanto, tornam-se muitas das vezes vítimas do preconceito linguístico. Assim o autor salienta que:

A “unidade linguística do Brasil” é um mito: em nosso país, além das línguas indígenas e das línguas trazidas pelos imigrantes, fala-se diferentes variedades da língua portuguesa, cada uma delas com características próprias, com diferenças em

seu status social, mas todas com uma lógica linguística facilmente demonstrável (BAGNO, 2006. p. 236).

Considerando o dinamismo da língua, outro fator que corrobora para a predominância de variação linguística, são os aspectos relacionados ao contexto de geolocalização do falante, esse tipo de variação é caracterizado por apresentar diferença na pronúncia, no léxico como também nas diferenças semânticas, cabe salientar que a maior diferença está centrada na pronúncia das palavras que possibilita os falantes de diferentes regiões o reconhecimento e a origem de seu interlocutor. Em síntese, é preciso considerar que as variações podem ocorrer nas diversas manifestações da língua, é uma característica inerente das línguas naturais. Constitui um fenômeno regular, sistemático, motivado por regras do sistema linguístico, cada uma delas possui suas regras próprias e não aleatórias.

Em face do que foi dito, cabe ressaltar que a variação linguística é um processo intrínseco e natural da língua que como já foi supracitado é histórica e socialmente constituída. Para tanto é de suma relevância destacar os tipos de variação que precisam ser observadas no momento em que for estudar os fenômenos que correspondem a linguagem. Assim, faz-se necessário afirmar que existem distinções entre essas variações, as variações podem ser caracterizadas como variação geográfica, variação sociocultural, variação individual, variação de canal e variação temática.

A variação linguística também se remete as ramificações históricas ocorridas ao longo do tempo, o que corrobora para a mudança dos fatores inerentes a língua. Outrossim, Faraco (2005, p. 14), discute que “a realidade empírica da linguística histórica, é o fato que as línguas mudam com o passar do tempo”.

Nesse sentido, é preciso deixar claro que mesmo que a língua passe por processos de mudanças ao longo dos anos, ela sempre oferece os subsídios necessários para que os falantes consigam se comunicarem sem que haja incompreensão ou incompatibilidade de sentido, mediante a ocorrência de transformações oriundas de tais mudanças sofridas ao longo do tempo. Frente a essa perspectiva, Faraco (2005) afirma que embora as línguas mudem, continuam organizadas, logo oferece aos seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.

Todavia, é importante dizer que a evolução da mudança é um processo interligado a língua, no entanto, nem sempre os seus utentes se dão conta de como esse processo é corriqueiro. Nesse viés, e seguindo o pensamento de Faraco (2005), os falantes normalmente não têm consciência de que sua língua está mudando.

Nesse viés, a leitura é um instrumento imprescindível na vida do indivíduo, visto que ela é considerada uma peça primordial no processo interação e comunicação, servindo de mecanismo importante para quebrar os paradigmas no tocante aos aspectos intimamente ligados as mais variadas formas e manifestações de preconceito linguístico. A leitura, é capaz de promover conhecimento bem como abre espaço para o fornecimento de informações, além disso, é cognoscível que a leitura está presente no cotidiano de forma que se apresenta nas mais variadas experiências humanas. Nesse viés, a leitura é uma ferramenta indissociável ao homem, sendo que por meio dela, torna-se possível encontrar prazer intelectual, reflexão, sabedoria, meditação, sentimentos, diversão e conhecimento.

Sendo assim, é pertinente destacar que o primeiro contato com essa experiência é a leitura que se faz do mundo, na concepção de Paulo Freire (1998), a leitura do mundo precede a da palavra, nessa perspectiva, a leitura manifesta-se na vasta possibilidade de subjetividade. Em algumas situações a leitura apresenta-se como refúgio para aqueles que procuram conhecimento de mundo, alegria, prazer, romantismo, fantasia, aventuras, descobertas, mistérios dentre outras possibilidades que são possíveis por meio do hábito da leitura.

Freire (1998), dialoga sobre a importância da leitura, revelando que é a peça fundamental para a construção de conhecimento, a discussão acerca da leitura não se trata necessariamente apenas do processo de decodificação de palavras escritas, sendo possível levar em consideração o conhecimento de mundo que o sujeito já tem para então desenvolver saberes e habilidades através de um hábito extremamente relevante para a vida cotidiana e o aprender no contexto escolar e social.

A colocação de Freire (1998), ainda diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele, assim a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente e a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto, sendo a peça primordial para a construção de uma aprendizagem significativa.

Nessa perspectiva, a leitura é algo indissociável ao professor e é a missão da escola, pois muitas vezes os alunos só fazem leituras quando solicitados pelo profissional docente, utilizando a prática da leitura unicamente para realização de atividades, porém não buscam um objetivo para tornar o ato de ler algo que permita conhecer novas possibilidades e aprendizagem.

Levando em consideração a importância da leitura na escola, também é necessário compreender que a língua materna atua como uma ampla noção sobre a alfabetização, a qual exerce íntima relação com a educação linguística, sendo um mecanismo essencial para o

desenvolvimento e a aprendizagem da língua nas escolas, tanto na formação de professores, quanto na visão generalizada em si tratando da língua, através dela é possível transformar seres dominantes da leitura e da escrita, promovendo a transformação do sujeito e da sociedade a sua volta.

2.4 A literatura no contexto escolar

Anteriormente discutimos brevemente sobre a história da literatura brasileira, aqui, intencionamos trazer um olhar teórico acerca desta literatura no ambiente escolar. Para tal, buscamos, inicialmente ampliar nossa investigação sobre a literatura enquanto instrumento fundamental para a vida de todo ser humano. Para Todorov (2009), a literatura tem o poder de aproximar as pessoas com ideias e pensamentos comuns. É preciso adquirir o hábito de ler. Compagnon (2009, p. 30) disserta que “a leitura evita que tenhamos de recorrer à dissimulação, à hipocrisia e à falsidade; ela nos torna, portanto, sinceros e verdadeiros, ou simplesmente melhores”. O ato de ler tem o poder de tornar o ser humano um ser consciente e instruído.

Segundo Candido (1972), o leitor, ao se deparar com uma obra, toma para si aspectos que estão presentes no seu próprio cotidiano. Dessa forma, ao ler uma obra, ele se sente igual ao personagem e traça relações de similaridade da sua vida com a vida do protagonista. Essa capacidade de fazer relação é muito importante, pois auxilia no desenvolvimento da cognição humana.

Ao observar todos esses benefícios que a literatura proporciona, é de se esperar que o hábito de leitura seja desenvolvido na escola, vista que ela é mantenedora do conhecimento e do saber. Disponibilizar uma biblioteca funcional para seus alunos é de extrema importância. Para Perucchi (1999), a biblioteca escolar deve ser organizada de forma que dê suporte para os professores desenvolverem a sua ação pedagógica.

Hoje em dia, observa-se uma crescente inadequação das bibliotecas escolares no que tange seus usos e formas de organização. Para Pimentel (2009), as bibliotecas estão sendo usadas como meros depósitos de livros ao invés de servirem como local de aprimoramento do conhecimento. Diante das más condições em algumas escolas, o problema da falta decorrente da leitura pode prejudicar gradativamente os alunos que compoortam a instituição. Como já foi dito, a leitura fornece inúmeros benefícios e é indispensável para a formação do sujeito, sendo

capaz de transformá-lo. Entretanto, as escolas, muitas vezes, não possuem uma fonte de leitura ampla para os alunos, muitas vezes, nem biblioteca possui.

Os discentes precisam estar inseridos em práticas de leituras que favoreçam a compreensão do mundo e não somente a decodificação, mas principalmente o gosto pela leitura, entendendo que ela é o ponto principal para a conquista de autonomia e criticidade. Neste sentido, faz-se necessário uma reeducação escolar no que diz respeito ao uso da biblioteca, esta deve ser um meio complementar de ensino para o professor e deve ser também a fonte de conhecimentos extracurriculares, já que os alunos devem ter o direito de pegar livros para ler em casa em momentos de lazer.

Portanto, deve partir da escola a promoção do gosto pela leitura das crianças, e manter uma biblioteca organizada é o primeiro passo para desenvolver esse gosto literário, assim as crianças crescerão com poder de reflexão e serão capazes de promover a melhoria do país. De acordo com Pelandré (2011), nas aulas de língua portuguesa, muitas vezes, o texto literário é visto apenas como pretexto para os estudos gramaticais. Sendo assim, deve partir do docente a vontade de sempre atualizar o seu currículo para melhorar a sua formação, isso em contato com “novas” tendências no ensino, neste caso, de forma especial nas aulas de língua portuguesa e literatura, deixando de apresentar apenas um ensino tradicionalista.

Nesta direção, Telles (2012) defende a importância de a escola promover o encontro entre o(a) estudante e o texto literário, objetivando à conquista da habilidade de refletir e à possibilidade de exercitar formas de pensamento mais elaboradas e amplos. Com isso a autora acredita que o(a) aluno(a), além do conhecimento de literatura e de linguagem, podem refletir sobre os fenômenos históricos e políticos, e sobre os limites próprios da condição humana.

Araújo (2014, p. 80) corrobora com Telles ao afirmar que:

A escola tem um papel de grande importância na formação do leitor, especificamente no ensino de Literatura que se mostra deficiente. As aulas focam seus ensinamentos em escolas literárias, pouco oportunizando o contato com o objeto de estudo da disciplina: o livro literário.

Um outro autor que segue a mesma linha de pensamento que os dois estudiosos é Cereja (2004), quando comenta, em outras palavras que a escola ainda guarda a tradição de ensinar a história da literatura e não a literariedade das obras. O autor defende que a história da literatura deve ser utilizada como meio de sistematização das aulas e fornecer subsídios para a relação histórica das épocas, porém ela não deve ser o fim do processo literário, apenas uma ponte.

Outro ponto importante que deve ser discutido e levado para as aulas de literatura é a adequação ao gosto literário. A escola, como mantenedora do processo de leitura deve se preocupar com o gosto literário dos alunos e a partir disso indicar obras que sejam semelhantes. Dessa forma, a escola não deve excluir a literatura contemporânea, consumida pelos jovens, ou a literatura clássica das aulas, mas deve-se pensar em estratégias de união e relação dessas obras.

Dessa forma, entende-se que deve haver uma consonância entre a tricotomia: produção/gramática/literatura. Uma não deve existir sem a outra e cabe ao docente criar estratégias pedagógicas que transformem as aulas em objetos reflexivos e capazes de transformar o discente em alguém capaz de refletir sobre a língua (MORAIS, 2009). A literatura pode e deve ser utilizada para estudar gramática, mas deve-se ter em mente que esta não pode ser a única função dela.

Diante disso, a presente proposta de pesquisa, nasceu a partir do desejo de possibilitar maior visibilidade a literatura local, sobretudo nas aulas de língua portuguesa nas escolas do município de Paripiranga (BA), bem como conscientizar para a vasta possibilidade de variedades inerentes à língua, de modo a contribuir para a quebra de paradigmas e ideias voltadas para o preconceito linguístico.

Frente a essa perspectiva, o objetivo central dessa pesquisa foi discutir a relevância da obra “Mané Tomé, o Liberto”, de Aristides Fraga Lima, com o intuito de promover a conscientização no tocante a presença das variações linguísticas, bem como contribuir para a valorização da literatura local, de modo a promover a aprendizagem significativa por meio do contexto cultural, histórico e social no qual os alunos estão inseridos.

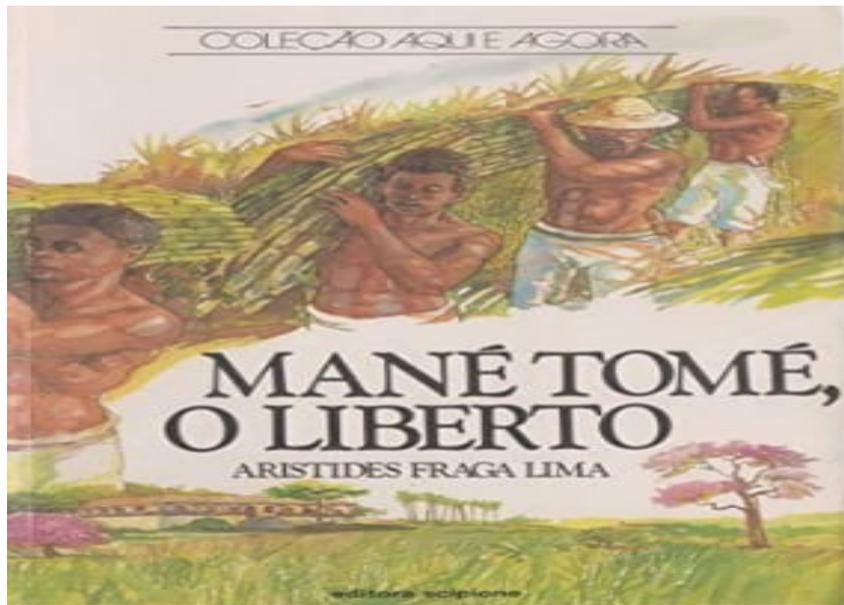
Partindo desse pressuposto, a obra “Mané Tomé, o Liberto”, é uma ferramenta de extrema relevância para a prática pedagógica e ensino de língua portuguesa, tal obra foi escrita por Aristides Fraga Lima, publicada no ano 1990, sendo importante enfatizar que o autor é natural do município de Paripiranga, uma cidade interiorana do estado da Bahia. Assim, a obra em análise, trata-se de uma abordagem literária, que delinea as aventuras vivenciadas pelo supracitado autor no estado baiano. Percebe-se que a obra explora elementos vinculados a língua portuguesa, ao regionalismo, aspectos históricos, geográficos e sociais, esses elementos contribuem para o ensino de forma interdisciplinar e, conseqüentemente, para a aprendizagem significativa.

3 MARCO METODOLÓGICO

Este capítulo será dedicado a delimitação e classificação da pesquisa científica, de modo que será evidenciado a caracterização no tocante à natureza, à abordagem, aos objetivos, aos procedimentos e às etapas pelas quais o estudo irá traçar.

3.1 Objeto de pesquisa

Figura 1: Capa da obra: “*Mané Tomé, O Libertado*”.



Fonte: Lima, (1997).

A obra “Mané Tomé, o Libertado”, de Aristides Fraga Lima, escritor natural de Paripiranga (Ba), foi escrita após o escritor e sua família terem ido passar o São João, na fazenda Triunfo, e lá sua filha mais nova, Mônica Pondé Fraga Lima, encontrou em um velho baú um rolo de papéis, que eram crônicas escritas por Juvêncio, um antigo escravo do Engenho de São João do Triunfo, eram narrativas sobre a vida no referido engenho e trazia como personagem simbólico Mané Tomé, (pai de Juvêncio), o escravo era dotado de sabedoria e por seus próprios méritos conseguiu sua carta de alforria.

Vale salientar que o contexto histórico que a obra está inserida, é o período de escravatura no Brasil e por esse motivo, a história se discorre na relação entre os senhores de

engenho e os escravos, mostrando aspectos culturais, as crenças, os costumes e a forma de falar dos diferentes grupos, por esses motivos a obra é fortemente marcada pela presença de variações linguísticas, principalmente por parte dos escravos, fortalecendo o contexto de variações linguísticas de ordem social e regional.

O protagonista descrito na obra, é um homem de boa índole, que nasceu, viveu, envelheceu e morreu na labuta do Engenho de São João do Triunfo, um ser de alma pura e dotado de inteligência, não era um homem conhecedor das letras, nem conhecimento científico, mas era conhecedor dos aspectos climáticos e dominava como ninguém a arte do plantio. A sorte não fez de Mané Tomé, um homem culto, mas mesmo assim ele era um sábio. Quisera o destino que aquele homem não nascesse livre, mas com seus esforços aos dezesseis anos de idade conseguiu por seus méritos sua carta de alforria, sua lealdade e inteligência lhe garantiram o título de “liberto”. É dessa forma que o personagem símbolo da obra é descrito por Aristides Fraga Lima.

Desse modo, o livro analisado, é antes de tudo uma ferramenta essencial no tocante ao ensino de língua portuguesa, haja vista a riqueza de fenômenos de natureza linguística e por contribuir no trabalho de conteúdo específico da área, mas também abrangendo a amplitude de conhecimentos para as demais esferas do aprendizado. Acreditamos, pois, que essa é uma obra que permite o desenvolvimento de atividades de forma interdisciplinar, sobretudo no ensino de História e Geografia.

Não se pode negar que a obra oferece uma gama de conhecimentos e indiscutivelmente as variações linguísticas a ela concernente, retrata a identidade cultural e o contexto social e histórico que compõe o cenário que a narrativa se discorre. “Mané Tomé, o Liberto” firma as características da cultura nordestina, sendo que as variações linguísticas presentes no livro são decorrentes do regionalismo, bem como das condições sociais nas quais os personagens foram submetidos, levando em consideração que a narrativa se passa em um momento histórico que deixou profundas marcas na sociedade, que vivia no período escravocrata.

A presente proposta, debruça-se no estudo de fontes e bases teóricas que delimitam teorias específicas, com a finalidade de buscar alternativas e/ou possíveis soluções no tocante à identificação da problemática latente que é o desrespeito à multiplicidade da língua. Além disso, o estudo avança na análise da heterogeneidade da língua, mediante a obra "Mané Tomé, o Liberto" de Aristides Fraga Lima. Concernente a essa perspectiva, a proposta também visa discutir as razões pelas quais a obra supracitada é uma ferramenta de suma importância para o ensino de língua portuguesa nas escolas do município de Paripiranga no estado da Bahia, de

modo a evidenciar que as variações nítidas na referida obra, são características do dinamismo da língua, principalmente levando em consideração os traços da regionalidade do autor em questão.

Nesse sentido, para a realização desta construção, desenvolveu-se uma revisão bibliográfica no tangente as contribuições da obra literária no cenário educacional, mobilizando a aprendizagem significativa. Ademais, buscou-se analisar elementos e variações linguísticas concernentes a obra “Mané Tomé, o Liberto”, de Aristides Fraga Lima. É válido ressaltar que foi feito um questionário a Maria Teresa Pondé Fraga Lima, filha do escritor em questão, a fim de coletar informações para a construção da biografia do escritor supracitado.

3.2 Características da pesquisa

A presente proposta é classificada dentro de uma perspectiva científica, visto que irá apresentar os caminhos pelo quais a pesquisa pretende percorrer. Nesse sentido, o presente estudo, buscou por meio de uma problemática, desenvolver a análise no tocante ao estudo das variações linguísticas dentro da obra “Mané Tomé, o Liberto” de Aristides Fraga Lima, bem como destacar a importância da literatura em sala de aula. A grosso modo, tal proposta, insere-se no contexto aplicado, trazendo como objetivo a investigação de uma hipótese de um dado problema, tratando da sua especificidade. Para Marconi e Lakatos (2011) a tipologia de pesquisa ocorre por meio de um questionamento e seu principal objetivo é trazer a solução e/ou falar do eventual problema.

3.3 Quanto à abordagem

No que tange à abordagem, a presente proposta insere-se no conceito de pesquisa qualitativa, pois tem um caráter descritivo, no tangente à análise das variações linguísticas presentes na obra “Mané Tomé, o Liberto”, esse tipo de pesquisa é de grande relevância, pois, descreve o tipo de problema a ser investigado, nesse caso, a importância da literatura como mecanismo crucial no processo de ensino e aprendizagem, bem como o estudo das variações presentes nos textos literários. Sob o prisma de Marconi e Lakatos (2011) esta não percorre

hipótese que leva a resultados baseados em números, mas sim na investigação cuja finalidade primeira consiste no aprofundamento de conceitos com o intuito de compreender aspectos das camadas sociais.

3.4 Quanto à natureza

Entende-se que essa é uma pesquisa considerada de nível básico, haja vista que unifica estudos e conhecimentos, vislumbrando trazer novas possibilidades para o campo científico, a potencializar uma hipótese e, conseqüentemente, a resolução de uma problemática.

Nesse sentido, esta pesquisa é de caráter exploratório, uma vez que, investiga a investigação temática das variações linguísticas presentes na obra "Mané Tomé, o Liberto", evidenciando aspectos intrínsecos a regionalização e fatores que corroboram para a predominância de variações linguísticas. De acordo com Mattar (2011) para a pesquisa exploratória, é possível se trabalhar com dois métodos: amplos e versáteis. Tais métodos aplicados compreendem estudos de casos, criteriosamente separados e escolhidos, além de poder contar com a observação empírica, e levantamento de experiências. "Caracterizam-se por possuírem objetivos bem definidos, procedimentos formais, serem bem estruturadas e dirigidas para a solução de problemas ou avaliação de alternativas de cursos de ação" (MATTAR, 2001, p. 23).

4 MARCO ANALÍTICO

O presente estudo propõe-se analisar a presença de variações linguísticas na obra “Mané Tomé, o Liberto”, escrita por Aristides Fraga Lima. A obra analisada, começou a ser escrita em 1983, quando Aristides e sua família foram passar os festejos na fazenda triunfo, quando sua filha mais nova, Mônica Pondé Fraga Lima, encontrou dentro de uma mala, que estava em um antigo baú, um rolo de papel, amarrado por uma fita de couro, os papéis eram crônicas sobre o engenho São João do Triunfo, além disso, trazia ainda um personagem símbolo, o escravo chamado Mané Tomé.

Nesse sentido, é importante dizer que “Mané Tomé, o Liberto”, foi uma história escrita por Aristides Fraga Lima, em 1983, quando sua filha Mônica, tinha 13 anos de idade, e a família foi passar o São João, na fazenda Triunfo, de seus tios Plínio Garcez de Sena e Consuelo Pondé de Sena. A referida obra, foi escrita, a pedido de Mônica, tendo em vista seu encantamento com as belezas e apreço que tinha pela fazenda e por esse motivo, pediu para seu pai escrever uma narrativa sobre aquele lugar onde ela havia gostado muito e após ela ter encontrado um rolo de papéis que eram na verdade, crônicas do Engenho São João do triunfo, crônicas estas que foram escritas por “Juvêncio”, um escravo da fazenda que também era filho do personagem central da obra, o Mané Tomé.

Diante do pedido da sua filha, Aristides, desenvolveu uma pesquisa aprofundada, a respeito dos elementos que envolvem a fazenda triunfo, nas palavras do escritor, ele buscou fazer a melhor interpretação sobre as crônicas encontradas por sua caçula, trazendo como protagonista principal “Mané Tomé”, retratando que a narrativa se discorre no Engenho São João do Triunfo, fazendo o levantamento histórico, considerando que a história, traz relatos do tempo em que a escravatura ainda era vigente no país, além de investigar as condições patrimoniais da fazenda em questão, visto que algumas instalações já haviam sucumbido pelas ruínas do tempo.

O escritor também aborda a linhagem da família dos “senhores de engenho” e também dos escravos que fizeram parte do enredo. Ademais, são abordadas as atividades corriqueiras àquele período histórico, como a moagem de cana para a produção do açúcar, retratando que Mané Tomé, era um escravo que foi alforriado, mas continuou a prestar seus serviços para a família de João Garcês dos Santos, por se tratar de um homem leal e competente em todas as suas atribuições.

Assim, Aristides, logo no início de escrita, deixa evidente que sua filha Mônica iria gostar da história, visto que ela tinha apreço pela fazenda, sendo na concepção dele um dos lugares de lazer de sua filha mais nova, pois ali ficava ao lado de alguns familiares.

Buscou-se analisar elementos linguísticos concernentes a obra, bem como a inserção da referida pode auxiliar no ensino de língua portuguesa do município de Paripiranga (BA). É importante dizer que embora Aristides, seja um escritor consagrado a nível nacional e tenha seu reconhecimento em homenagem por sua contribuição enquanto cidadão, por se conceituar um homem íntegro, de princípios e valores e por prestar grandes contribuições no tocante à literatura, seu nome ainda não tem tanta visibilidade na sua terra natal, sendo que até pouco tempo, só se tinha escrito sobre ele a monografia de Esileide Santa Rosa Pimentel, o documento está salvaguardado no acervo da biblioteca física do centro universitário AGES.

No entanto, o nome de Aristides Fraga Lima, bem como de suas obras, tem começado a fazer parte do contexto educacional paripiranguense e isso se dá pela suma necessidade de trabalhar os conteúdos sob o contexto local e regional dos discentes, corroborando, assim, para a garantia da aprendizagem significativa, valorizando os aspectos culturais, históricos, geográficos e sociais que envolvem o aluno. Para tanto, o objeto de estudo dessa pesquisa, consiste na análise da presença de variações linguísticas na obra “Mané Tomé, o Libertado”, levando em consideração o contexto histórico que permeia a narrativa, bem como aspectos sociais e culturais que a história se funde.

O livro analisado, apresenta uma vasta riqueza de elementos linguísticos, trazendo características típicas do povo nordestino, nos falares e dizeres, nas crenças e credences, nos costumes e tradições típicas do regionalismo enraizado na sociedade. Nesse sentido, a obra “Mané Tomé, o Libertado”, é fortemente marcada pela nítida presença da identidade cultural do escritor e retrata elementos específicos da região Nordeste, sendo apontados hábitos intrinsecamente ligados ao contexto regional, como o respeito as histórias de lobisomem, caipora e dentre outros personagens lendários, e a tradição dos festejos juninos, cujo maior símbolo é acender a fogueira no dia de São João, que além de um traço cultural é também uma manifestação religiosa, a fogueira é uma forma de homenagear o Santo, sendo esta uma herança do catolicismo que é predominante na região nordestina.

Considerando-se o cenário histórico e social que o livro foi produzido, é perceptível a presença de fenômenos e variação linguística, haja vista que o contexto que a narrativa se fez, foi o período da escravatura, uma vez que, esse período marcou profundamente a história do Brasil, sendo até hoje uma ferida no seio da sociedade, principalmente no contexto de desigualdade e preconceito. Esses fatores também contribuíram para a compreensão no

tocante a forma de falar de alguns personagens no decorrer da obra. Sendo observado a variação decorrente do contexto social e do regionalismo.

Logo na página sete (07), na fala de uma das domésticas da fazenda Triunfo, claramente percebemos a presença da variação linguística, especificamente no seguinte trecho: “vô” “botá” uma água pro sinhô lavar as “mão” e os “pé” (p .07). Entende-se que para a gramática normativa as expressões “vô”, “botá” e “sinhô” que estão contidas no trecho, não são aceitas.

Entretanto, cabe destacar que tais expressões fazem parte de um dialeto da região, e marcam os traços culturais e firmam as características de um grupo social e por esse motivo considera-se a variação mediante o contexto regional, uma vez que, categoriza as especificidades do regionalismo, logo entende-se que esses termos são inerentes a região.

Dessa forma, observa-se que o ensino de gramática sugere a exposição de regras estruturais da fala bem como da escrita, sendo que este processo se dá em virtude da herança greco-latina, que segue uma linhagem voltada para a lógica organizacional imposta aos falantes com o intuito de expressar-se de maneira a trazer clareza na oratória e na construção do discurso. Partindo dessa premissa, a língua é tida como um mecanismo homogêneo, estático e, portanto, invariável, revelando uma visão purista da língua, apresentando o “certo” em oposição ao “errado”, anulando de seu escopo todas as possibilidades e variações existentes na sociedade que são indissociáveis a língua.

Outrossim, ainda dispõe no trecho da fala da doméstica na página sete (07), “vô” “botá” uma água pro sinhô lavar as “mão” e os “pé” (p. 07). A forma inadequada do emprego do singular e do plural, quando as palavras mão e pé, aparecem no singular, mas de acordo com as regras gramaticais, deveriam estar no plural, haja a vista o contexto da oração, devendo ser escritas no plural as “mãos” e os “pés”.

Partindo desse pressuposto, Bagno (1996) discute que existe uma tradição gramatical alicerçada no contexto idealizador de uma escrita “pura” e esta não permite nenhum tipo de interferência da fala no processo de escrita. Ainda sob o prisma de Bagno (1996) na maioria das vezes em decorrência dessa tradição imposta pela gramática normativa, são criados estereótipos de “certo” e “errado”, mas que ambas as construções oferecem recursos necessários e capazes para garantir entendimento do que o falante-escrevente quis comunicar.

Na concepção do autor isso nos faz compreender o motivo de que até mesmo as pessoas com maior nível de escolaridade insistam em dizer que não sabem a sua língua materna ou que o português é muito difícil (BAGNO, 1996, p.103). Dessa forma, nota-se que na maioria dos casos por apego ao que dispõe a gramática, ou por desconhecimento das

múltiplas variedades oriundas a língua, os indivíduos não entendem como aceitável o desvio a norma.

Diante disso, é de suma importância que haja a conscientização para a presença dos fenômenos linguísticos nas mais variadas situações sociocomunicativas. Assim, é necessário frisar que a variação linguística é vista como o dinamismo de expor um único vocábulo, de modo que tal palavra possa ser verbalizada de maneiras distintas e muitas vezes podendo ainda sofrer influências dos fatores culturais e sociais (BAGNO, 2006).

Nesse viés, cabe conceituar a palavra variação, sendo ela uma palavra oriunda do latim. Assim, Costa (2012) discute que a terminologia da palavra variação advém da expressão latina “*variatione*”, logo seu significado é variedade, ato ou efeito de variar. Frente a essa perspectiva, a variação linguística é um processo natural da língua, se consideramos por exemplo a diferença na forma de falar em determinadas regiões do Brasil, conseguimos entender que não há uma língua invariável. Seguindo essa linha de pensamento, Câmara Junior et al. (1981) trata a variação linguística como consequência do dinamismo da propriedade da linguagem que se diferencia nas múltiplas formas inerentes ao discurso.

Diante disso, a obra “Mané Tomé, o Liberto”, se apresenta como uma ferramenta extremamente necessária para o ensino de língua portuguesa, principalmente no sentido de apresentar as múltiplas facetas da língua e as manifestações das variações linguísticas, com vistas a romper as ideias e resquícios de certo e errado na língua, sobretudo na fala que corrobora para o gritante surgimento de preconceito linguístico.

Nesse sentido, a variação linguística, envolve uma série de fatores e caracteriza por mudanças entre grupos, camadas sociais e gerações. Assim, um aspecto que merece destaque na construção comunicativa da linguagem é a variação histórica, que se preocupa em categorizar os processos de mudanças da língua mediante o passar do tempo.

Nessa vertente, faz-se necessário analisar o trecho da página nove (09), da obra “Mané Tomé, o Liberto”, no qual apresenta a fala do personagem Luiz Gonzaga, ao trazer uma narrativa, sobre ter visto o fantasma, diz: “foi o avô de vosmecê”... (p. 09). É comum que algumas pessoas pensem que a palavra “vosmecê”, seja uma variação, ou até mesmo um desvio da norma culta da língua, no entanto, essa é uma questão de mudança linguística, haja a vista que em dado momento a palavra foi “vossa mercê”, passando para “vosmecê” até que a nomenclatura passou a ser escrita e falada “você”.

Outrossim, Faraco (2005) discute que a linguística histórica se dá em função das línguas sofrerem mudanças em decorrência do tempo, assim o processo de mudança da língua é um mecanismo imprescindível, para registrar os fatores históricos de determinado povo.

Frente ao posicionamento de Faraco, é válido considerar que as línguas mudam com o passar do tempo e até mesmo sem que os falantes se deem conta das mudanças ocorridas, por isso é ingenuidade pensar que possa haver uma língua que não sofra influência ou interferência ao longo do percurso histórico.

Vale salientar que mesmo diante dos processos de mudanças ocasionadas na língua ao longo do tempo, e até mesmo quando ocorre o surgimento de variação linguística em função das mudanças ocorridas, isso não causa falta de compreensão sobretudo na ação interativa da comunicação. Para justificar essa afirmativa, Faraco (2005) lembra que mesmo que as línguas mudem, elas têm a capacidade de se organizarem para oferecer aos seus falantes os suportes necessários para a circulação dos significados.

Ainda sob a ótica de Faraco (2005) na maioria das situações os falantes não têm consciência do mecanismo de mudança ao qual sua língua está sendo submetida, de modo que os utentes da língua concebem uma imagem da nossa língua que repousa antes na sensação de mudança. É natural que seja criada uma imagem da língua, tendo em mente o fato que as mudanças linguísticas, mesmo que ocorram de forma contínua, acontecem em um processo gradativo, o que contribui para que não percebamos esse fluxo histórico intrínseco ao cotidiano dos falantes.

Levando em consideração as concepções de variações linguísticas e as marcas dos traços culturais e das ramificações do regionalismo incutidos na obra “Mané Tomé, o Libertado”, é preciso dizer que o processo de linguagem é um dos fatores que corroboram para o desenvolvimento das sociedades. Nesse sentido, compete ressaltar que as variações não podem ser vistas como uma forma de transgressão da norma e, sim, como uma das possibilidades válidas da língua.

Assim, torna-se necessário trazer mais um trecho do livro analisado, que está na página nove (09), extraído também da fala do personagem Luiz Gonzaga: “só a lua “quilariava” através das “teias”. Quando eu “mi” deitei “qui” “mi” “binzi”, “oiei” na porta e ele “tava” lá; percebe-se no referido trecho a variação dos vocábulos “clareava” forma adequada de escrita para a gramática e também na palavra “teia” que é a variação da palavra telha. Além disso, ainda na narrativa do personagem aparece as variações das palavras “mi”, “qui” “binzi” “oiei”, haja a vista que de acordo com as regras impostas pela gramática as referidas palavras devem ser escritas da seguinte forma “me”, “que” “benzi”, “olhei” e “estava”, mas é necessário firmar que a forma de uso inadequado, refere-se a variação advinda do regionalismo.

Sendo assim, é preciso considerar que na maioria dos casos o idealismo preconizado pela gramática, constitui um padrão que serve de base para o ensino de língua portuguesa, contrapondo “certo” em relação ao “errado”, “adequado” ou “inadequado”. Nesse sentido Castilho (1988) aponta que para a norma culta tudo que transgrede os parâmetros da norma é, portanto, um erro. Nas palavras do autor, isso corresponde a uma ideia preconceituosa, visto que não se pode rotular um português certo ou errado considerando o fato que todas as variações são igualmente eficazes, principalmente no sentido da comunicação nas mais variadas situações em que seu uso é apropriado.

Dessa forma, a presença das variações presentes na obra analisada, na maioria dos casos, registram o regionalismo, nesse caso, é perceptível, que o Brasil, é um país de uma vasta manifestação cultural e cada região possui dialetos diferentes que fazem com que a língua portuguesa seja então falada de forma distinta, e cada situação de variedade da língua deve ser respeitada, pois há uma grande diferença entre erro gramatical e variação linguística, essa afirmativa permite a compreensão que não existe falares e dizeres “corretos” ou “equivocados”, como também uma região que fala mais “bonito”, enquanto outra fala “feio”.

Em comum acordo as afirmativas, Castilho (1988) afirma que um país tão numeroso como o Brasil, que sofre influências do desenvolvimento de prestígio cultural, é então, natural que ocorra sobretudo na língua falada, variadas formas de uso da norma que são igualmente válidas, mesmo que circunscrita à região a que corresponde e com peculiaridades principalmente em se tratando das questões fonéticas e lexicais.

Observando o cenário histórico da obra, que conforme já mencionado o enredo se passa no período da escravatura no Brasil, sugere-se trazer uma das falas do personagem símbolo, Mané Tomé, um escravo da fazenda Triunfo, que conseguiu sua carta de alforria mediante seus méritos reconhecidos pelo dono da fazenda, por se tratar de um escravo com múltiplas qualidades e inteligência, lealdade e competência para lidar com os assuntos da propriedade.

Por isso, Mane Tomé passou a ser o braço direito do seu patrão, por tantos feitos ganhou sua carta de alforria, sua sonhada liberdade no dia do seu aniversário, naquele momento Mané deixava de ser escravo e se tornava um administrador das atividades laborais e responsável pelo gerenciamento das ações desenvolvidas no Engenho de São João do Triunfo.

Vejamos o seguinte trecho com a fala de agradecimento de Mané Tomé “ Vosmecê vai vê qui o seu nego nunca vai faiá”... (p. 27) o presente trecho evidencia a presença da variação do vocábulo “falhar”, visto que tal expressão oferece o sentido conotativo, retratando sua

gratidão por ter sido alforriado, ou liberto como o próprio escravo destacou e ainda por seu patrão João Garcês dos Santos, ter lhe confiado continuar na fazenda na condição de administrador, por tanto a palavra “faiá” expressa o sentimento de honra e compromisso para com suas novas atribuições bem com a fidedigna lealdade ao seu patrão.

Frente a essa perspectiva, cabe salientar que a variação linguística é antes de tudo um fenômeno predominante em todas as línguas sendo uma maneira de registrar marcas de oralidade e escritas mediante ao processo histórico das gerações. Sendo assim, as manifestações da língua e as mudanças linguísticas são fenômenos indissociáveis. Além disso, os estudos linguísticos, contribuem para a ruptura de ideias equivocadas e resquícios do preconceito linguístico, que muitas vezes ganham forças bem como são ancoradas pelo conceito idealizador da gramática normativa da língua.

Nesse sentido, é válido dizer que a variação linguística, é em muitos momentos o que diferencia cada esfera social, dada região e cada vertente da língua seja ela oral ou escrita. Conforme já sinalizado a obra “Mané Tomé, o Liberto”, apresenta uma vasta riqueza no que se refere aos elementos linguísticos, de modo que as variações em muitos casos são decorrentes de fatores específicos tais como os traços culturais, a região na qual a obra se faz e também pelas condições sociais nitidamente encontradas na obra.

Dessa forma, é pertinente destacar o uso recorrente da forma inadequada da palavra, “mas” e “mais”, mediante o contexto e normas gramaticais, observando-se que na maioria das situações a palavra “mais” aparece de forma inadequada, visto que expressa uma ideia de adição, diante do contexto usado na fala, no entanto foi usada no sentido de contrariedade, vejamos o trecho: “ o avô do “dotô”. “Tava” “im” pé na porta, vestido de branco. Eu “num” via os “óio”, porque “phantasma”; não tem “ôio”. “Mais” era ele: “arto”, forte, “grandaião”. E “falô” comigo”.

Diante da vasta presença de variações linguísticas presentes no livro analisado, cabe ressaltar que não existe uma língua uniforme para todas as regiões brasileiras. Diante disso, Bagno (1999) lembra que não existe nenhum lugar que fale uma língua perfeitamente, considerando que a língua é variável e muda de acordo com a região e por esse motivo cada falante utente da língua, cria sua forma de interagir e de se comunicar.

Sendo assim, cada região passa a ter sua forma de se comunicar, mas isso não anula o fato de existir uma gramática internalizada sendo estes fatores interligados aos aspectos familiares, amparados no contexto geográfico, social, histórico ou cultural. Por esses motivos, segundo Bagno (2002) é um grande equívoco dizer que existe erro na língua, de forma pontual sinaliza que o que existe na verdade são variações e outras formas de comunicar, que

vai depender da situação a qual o sujeito está engajado, considerando-se que a língua é viva e passa por constantes transformações

Em paralelo a esse posicionamento e em outras palavras, Ilari (2002) aponta que é indiscutível que a gramática que se ensina no contexto educacional, é resultante de estudos formalizados, partindo de conceitos e estudos feitos por gramáticos e linguistas e nesse processo não são permissíveis os conceitos dos aspectos informais e coloquiais intimamente ligados ao processo da linguagem. Para tanto, cabe entender melhor a essência da palavra norma, de modo que não seja vista apenas pelo viés de padrões e regras. Assim Faraco (2008, p. 40) diz que a norma representa um conjunto de fatores linguísticos que caracterizam o modo como as pessoas de uma certa comunidade formalmente falam.

Nessa vertente, nota-se o comportamento linguístico dos falantes dentro de um sistema das diversas redes de interação e as regras as quais os falantes são submetidos. A análise da língua se apresenta de maneira etnográfica voltada para a comunicação, que propõe a investigação dos fenômenos linguísticos, considerando os aspectos extralinguísticos como: idade, sexo, escolarização e origem do falante sendo pré-requisitos básicos para a compreensão dos fenômenos observados.

Na página 67, da obra “Mané Tomé, o Liberto” dispõe de um trecho no qual fortemente pode-se observar a presença da variação linguística, no diálogo de Mané com seu patrão: “ nós prantemo e nós vamo cuiê”, percebemos aqui a variação no pronome “nóis “ que gramaticalmente é escrito nós, observa-se também do vocábulo prantemo que de acordo com a gramática escreve-se plantemos, nota-se também a forma inadequada de uso do singular em “vamo”, haja a vista que diante do contexto da frase deveria estar no plural “vamos”, para além disso, apresenta-se ainda a variação da palavra “cuiê” que de acordo com as regras gramaticais é escrita “colher”. Vale salientar que essas variações representam a forma como algumas pessoas de determinadas localidades e grupos sociais falam e, portanto, não são necessariamente “erros”.

A grosso modo, é de suma necessidade pensar o papel do ensino de língua portuguesa, para a construção de conhecimento, das competências e das habilidades no que diz respeito a transmissão dessa língua, e o que representará para as gerações seguintes, o valor atribuído à língua portuguesa, além do modo como, nos materiais dedicados ao ensino, eram colocados os conceitos, concepções do que é saber a língua. Muitos estudiosos da língua demonstram que, no período medieval, quando houve as primeiras tentativas de escolarização no mundo português, o modelo latino foi adotado para a elaboração dos materiais, concebendo a língua como fonte de manutenção da cultura de um povo, poder e status.

Sendo assim, é de suma importância defender a necessidade de se ter uma formação sociolinguística para conscientizar sobre o preconceito linguístico no ensino da língua materna. Sendo assim, percebe-se que a sociolinguística tem como principal objeto de estudo a variação. Assim, a língua trabalha em seu sentido real, tendo como enfoque principal fatores internos e externos que provocam a variação ocasionando as mudanças. Destaca-se que a sociolinguística nasce na perspectiva de estudar a variação através do problema da transição, isto é, consiste na tentativa de descobrir o que há entre uma sincronia e outra.

Nesse viés, pode-se dizer que a teoria estruturalista, analisa a língua por um ângulo interno. Já a estrutura da sociolinguística está voltada para questões socioculturais, levando em consideração aspectos lexicais, sintáticos, semânticos, morfológicos e dentre outros. Dessa forma, a sociolinguística busca estudar a língua por uma vertente pautada na coexistência em concorrência a variação e termos iguais, embora diferenciados lexicalmente.

É pertinente dizer que a sociolinguística é de suma importância para a educação, principalmente no tocante à formação de professores de língua portuguesa, considerando o trabalho com foco na variedade linguística a qual desencadeia o preconceito linguístico, tão frequente no âmbito educacional. Ao professor de língua portuguesa há a incumbência de tentar de maneira argumentativa promover a conscientização para que seja possível reverter esse quadro.

Dessa forma, observa-se que a sistematicidade da linguagem é buscada por meio da variação. Frente a essa questão, é sabido que, as variantes são entendidas como formas diferenciadas de falar sobre a mesma coisa. A variação ainda pode ser reconhecida como existindo dentro de um sistema linguístico. Assim, percebe-se que a variação linguística pode ser detectada, de modo que a sua ocorrência faça referência ao ambiente linguístico.

Nesse viés, a língua pode ser observada como um fenômeno de expressão do pensamento e instrumento de comunicação, a língua também é vista fora de seu contexto de utilização, fundamentando-se nos pressupostos do estruturalismo. Partindo deste conceito, é pertinente dizer que a língua é um sistema de códigos que, por sua vez, é aprendido pelos falantes com a finalidade de adquirir o processo de comunicação entre as comunidades utentes a língua. No processo de linguagem, enfatiza a importância da interação voltada para o significado de mundo, destacando que a linguagem é social, histórica e coletiva, na qual o indivíduo significa o mundo através da relação com o outro e da socialização entre os demais falantes.

Levando em consideração os aspectos voltados para o reconhecimento da variedade linguística e as contribuições expressas pela sociolinguística é preciso retomar as variações

predominantes na obra de Aristides, com o propósito de conscientizar que a língua é dinâmica e, portanto, é também por natureza variável. Frente a essa perspectiva, na página trinta e um (31) do livro, em diálogo com seu patrão, Mané Tomé diz: “ Se vosmecê quisé; mais é mió adepois, móde num fartá cana prá moê”... (p. 31), nesse trecho observamos a variação dos vocábulos quisier, a forma inadequada de uso da palavra mas que foi empregada no sentido de adição, quando deveria expressar contrariedade, a variação das palavras “depois”, “faltar, para” e também a expressão “móde”, que leva a crer que seu significado consiste em justificar ao patrão a ideia de conscientização de algo, como se a referida expressão funcionasse como a preposição “para”.

É preciso chamar a atenção para o fato que desde os primórdios os alunos da disciplina de língua portuguesa tem seu aprendizado voltado para codificar e decodificar a representação gráfica das palavras, ou seja, ler e escrever, os discentes aprendem a usarem as construções socialmente mais aceitas, isto é, as ditas mais elegantes por serem usadas por escritores consagrados, com construções de textos bem elaborados, coeso e coerente, tendo por principal objetivo os ensinamentos prescritivos da gramática. No entanto, o que se busca nos cursos de língua portuguesa é que o aluno use a língua e a escrita de forma adequada, trazendo a noção de conhecimento linguístico que já possui e que foi adquirido antes mesmo do seu ingresso no âmbito educacional.

Dessa forma, faz-se necessário entender que a língua é individual e social podendo sofrer modificações de acordo com um conjunto de fatores. Sendo esses gêneros, geografia e grau de escolaridade. Para Bagno (2004), não há uma língua homogênea, pronta, mas sim um conjunto de heterogeneidades devido a dinâmica da mesma, bem como de suas variações; pensar que a língua não sofre alterações é “idealismo” que muitas vezes serve de exclusão social para as classes menos privilegiadas.

Diante disso, faz-se necessário que o professor de língua portuguesa apresente para seus alunos as possibilidades de variação da língua de maneira a não se restringir somente a norma culta, que não dá conta das necessidades das comunidades visto que nem mesmo os mais “cultos” falam de modo a obedecer às regras do português padrão.

Considerando a importância do ensino de língua portuguesa e o conhecimento das variações linguísticas, o livro de Aristides é uma ferramenta indispensável para o ensino de língua portuguesa, uma vez que, possibilita quebrar os paradigmas que tentam aludir que a língua seja apenas um manual de regras ou um sistema de códigos que, por sua vez, é aprendido pelos falantes com a finalidade de adquirir o processo de comunicação entre as comunidades utentes a língua.

Diante disso, o processo de linguagem, enfatiza a importância da interação voltada para o significado de mundo, destacando que a linguagem é social, histórica e coletiva, na qual o indivíduo significa o mundo através da relação com o outro e da socialização entre os demais falantes. Para Travaglia (2009), essa concepção de língua é um conjunto de signos que se combinam segundo as regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem e informações de um emissor a um receptor.

Nesse sentido, esse código deve então ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada, como o uso do código que a língua é um ato social, envolvendo conseqüentemente pelo menos duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida e convencionada, para que, assim, a comunicação aconteça.

Desconsiderar a multiplicidade da língua, é um dos fatores que contribuem para o surgimento do preconceito linguístico, vale destacar que a região Nordeste sofre muito com essa situação, resultante do desconhecimento das variantes e fruto do preconceito enraizado no seio da sociedade, atribuindo a língua um padrão de beleza, ou seja, fala-se de acordo como a gramática é aceita e, portanto, “bonito”, do contrário é feio e desagradável.

Nesse sentido, Bagno (2004), pontua que, o preconceito linguístico se baseia na crença de que existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar e deficiente”.

No entanto, é notório que o erro gramatical acontece quando o informante não comunica, isto quando utiliza palavras que a comunidade desconhece, que foge do contexto social e regional. Bechara (1989), ressalta que cada falante é um poliglota na sua própria língua, à medida em que dispõe de sua modalidade linguística e está à altura de decodificar outras modalidades linguísticas com as quais entra em contato.

Os cenários escolares e acadêmicos é palco das inquietações sobre o termo língua padrão, no qual, por vezes, a língua é empregada de maneira equivocada da sinonímia com a norma culta. Para tanto Bagno (2004), afirma que, a norma culta é portanto a norma utilizada pelos falantes cultos e que a norma padrão é então a norma regida pelos gramáticos tradicionalistas que tentam impor um modelo ideal para a língua.

Sendo assim, é pertinente dizer que, a norma padrão é a norma escolhida como única e correta para o país. Entretanto, não se leva em consideração as demais línguas bem como as possibilidades de variantes da língua existentes dentro do sistema linguístico. Partindo deste

conceito Castilho (2001), enfatiza que a norma culta faz parte da classe de prestígio e constitui o português correto; tudo o que foge à norma representa um “erro”.

Concernente a essa definição, Bagno, (2004), afirma que a língua resulta da prática social. Assim, nota-se que a norma correta é escolhida com critério única e exclusivamente social, ou seja, escolhido com base no falar elitizado e que tudo que foge a essa exclusividade é considerado como erro.

Diante disso, é necessário considerar a heterogeneidade linguística que é vista na relação com o social, e frente a sua própria subjetividade o sujeito é livre para escolher e adequar-se as várias situações de uso da língua. As diversidades, coletivas ou individuais, são formas de identificação dos membros de uma nação, ligados por traços socioculturais, econômicos e políticos, tradicionalmente firmados, identificam-se e distinguem-se dos membros de outra pelo seu instrumento de comunicação. Sendo assim, não há língua sem variação, no contato entre línguas, ou entre falantes elas se individualizam, modificam e variam. Além disso, historicamente as línguas sofrem alterações, já que uma língua é um objeto histórico, enquanto saber transmitido, estando, portanto, sujeita às eventualidades próprias de tal tipo de objeto.

Pode-se analisar que, algumas pessoas criam estereótipos com os falantes, muitas vezes esquecendo de analisar a escolaridade do indivíduo, visto que um cidadão não escolarizado, não obtém um arcabouço teórico que possibilite a facilidade e o domínio da norma culta da língua, por isso, faz-se importante entender que até mesmo as pessoas que são escolarizadas não falam de maneira culta o tempo todo.

Entretanto, essa não é uma tarefa fácil, visto que a língua dita como culta é inculcada no âmbito educacional adotada por todos aqueles que em situações formais objetivam alcançar prestígio social, e os indivíduos que não têm a oportunidade para tanto, tornam-se muitas vezes vítimas do preconceito linguístico.

Outra consideração importante com relação a variação linguística se dá em decorrência da variação geográfica a qual é caracterizada por apresentar diferença na pronúncia, no léxico como também nas diferenças semânticas, cabe salientar que a maior diferença está centrada na pronúncia das palavras que possibilita aos falantes de diferentes regiões o reconhecimento e a origem de seu interlocutor.

Sabe-se que a obra “Mané Tomé, o Libertado”, abrange uma série de conhecimentos, não somente em relação ao ensino de língua portuguesa, mas se apresenta como uma ferramenta que permite desenvolver uma metodologia de forma interdisciplinar, visto que apresenta aspectos históricos, geográficos, sociais, culturais e linguísticos. Nesse sentido, cabe destacar

que as linguagens expressas na referida literatura, bem como a presença das variações linguísticas, não podem ser vistas como erro ou desvio na norma culta, haja a vista que em todas as ocorrências a linguagem gerou comunicação.

Nesse sentido, Fiorin (2007), discute que a comunicação verbal é um mecanismo de interação social, de modo que afirma que não existe uma sociedade sem que haja comunicação entre os membros nela presente, sendo esta uma relação interligada a cada especificidade, constituindo ações sociais referentes às distintas comunicações existentes no cotidiano do falante.

Por esses motivos, que o ensino de língua portuguesa através das obras de Aristides Fraga Lima, se apresenta como uma metodologia inovadora e significativa, pois atende a diferentes públicos, contextos e conteúdo que auxiliam a prática pedagógica do professor, evidenciando o incentivo à leitura e a produção escrita dos alunos, uma vez que, seus livros dispõe de capítulos curtos e interessantes, que apontam aspectos voltados para a vida cotidiana, além de trazer gravuras que estimulam o pensamento e aguça a imaginação do leitor, permitindo fazer uma viagem através das palavras ou embarcar em uma aventura, ou até mesmo ser conduzidos a uma viagem no tempo e no processo histórico.

Nessa ótica, a leitura desempenha um papel crucial para a conscientização sendo capaz de interagir em sua realidade na condição de cidadãos conscientes de sua atuação na sociedade. Koch (2009), traz que a leitura é um ato social que subdivide-se entre dois sujeitos sendo eles leitor e autor, que interagem entre si, estes obedecem os objetivos e necessidades socialmente determinados, além de ser uma atividade na qual se leva em consideração os conhecimentos prévios do leitor e exige mais que o conhecimento do código linguístico, tendo em mente que o texto não é apenas um produto de codificação e o leitor não representa unicamente um sujeito passivo ou somente aquele que decodifica os signos.

A leitura é um processo de interação e para desenvolvê-la é necessária a compreensão quanto ao que está sendo lido, a partir do conhecimento de mundo, isso significa dizer que para compreender um texto, o leitor utiliza o conhecimento prévio o qual é constituído por todo conhecimento ao longo da sua trajetória, visto que é através desses conhecimentos que o leitor pode formar as hipóteses para atingir a coerência completa, facilitando, de modo que consiga obter assim a compreensão.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – (1998), discute que a leitura representa um processo pelo qual se realiza um trabalho ativo voltado para a compreensão e interpretação do texto lido mediante os objetivos preestabelecidos acerca do conhecimento sobre determinado assunto, sobre a obra, o autor ou sobre a linguagem, não se tratando apenas

da extração de informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra, trata-se de uma atividade na qual implica estratégias de seleção, antecipação e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

Antunes (2002, p. 69), “os gêneros são histórico-culturais”, pois surgem em determinados momentos e espaços da vida diária vivenciada em comunidade durando o tempo que os grupos sociais compostos por falantes assim, permitirem. Nessa vertente, Koch (2002), discute “a competência sociocomunicativa dos falantes/ouvintes leva-os à detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais”. A grosso modo, a competência linguística que o falante possui permite fazer a distinção do texto narrativo, descritivo, dissertativo e argumentativo. Este é ainda capaz de perceber qual gênero textual a tipologia está abordando, visto que essa habilidade só é possível a partir do contato constante com textos de tais tipos ou gêneros em sua vida cotidiana.

Nesse contexto, é pertinente salientar que a obra que foi objeto de estudo desta pesquisa, além de permitir a conscientização da multiplicidade e variações permissíveis a língua, é capaz de garantir o ensino de conteúdo específico da língua portuguesa, entre eles a flexão em grau (diminutivo e a aumentativo), considerando-se que é comum o surgimento de expressões às vezes no diminutivo, como é o caso da palavra “cobrinha” e em outros momentos no aumentativo como é o caso do vocábulo “corujão”. Para tanto compete ao professor afunilar dentro da leitura do livro a finalidade e/ou demanda necessária à sua turma.

Além disso, a obra também pode estimular a interpretação de texto e a reescrita, além disso, conscientizar sobre a importância da leitura e escrita como objeto social, valorizando a cultura local com o letramento social como suporte para a produção escrita na escola. Nesse viés, compete a escola, bem como aos membros envolvidos no processo educativo, promover momentos capazes de mobilizar os alunos a refletir, pensar, questionar, criar, produzir ideias, ao invés de apenas serem receptores, permite que “as habilidades devem ser desenvolvidas ao longo das atividades, algumas são gerais e outras expressam uma especificidade para “ler o espaço” (CALLAI, 2002, p. 12). Todas, entretanto, necessitam dos movimentos de ler e escrever.

Dessa forma, a obra analisada é um recurso de suma importância, pois permite adentrar em vários contextos e aspectos necessários a aprendizagem do aluno, dentre eles o processo escravocrata no Brasil, a cultura nordestina, as questões geográficas, a análise do discurso, mediante o contexto social, cultural e histórico, fenômenos intrinsecamente ligados a linguística e a sociolinguística, além permitir a seleção de temáticas relevantes para o ensino e aprendizagem, por meio do desenvolvimento do trabalho por meio da transversalidade que

consiste em garantir a qualidade do conteúdo estudado e das experiências advindas das vivências cotidianas.

Assim, o presente estudo, propôs aprofundar-se em questões singulares ao regionalismo, ao dinamismo das variações linguísticas, bem como, objetivou-se abordar a relevância da inserção da obra “Mané Tome, o Liberto,” para o ensino de língua portuguesa, mas também permite trabalhar em outras perspectivas, haja a vista que o livro em questão, contempla outras áreas do conhecimento como história, geografia e dentre outras, de modo que contribui para o desenvolvimento do trabalho de forma interdisciplinar .

Nesse viés, a obra se mostrou uma ferramenta extremamente necessária na prática pedagógica, sobretudo na valorização da cultura local no município de Paripiranga (BA), sendo este um mecanismo eficaz no processo de aprendizagem significativa, visto que se buscou estimular o gosto pela leitura e escrita dos alunos, bem como promover a conscientização da multiplicidade da língua e a presença das variações linguísticas fortemente evidenciada na obra “Mané Tomé, o Liberto”.

Destarte, a referida obra, escrita por Aristides Fraga Lima, permeia o desenvolvimento de ações capazes de contribuir no desenvolvimento de ações que possibilitam a construção do conhecimento, além de estimular as competências e habilidades necessárias ao aprendizado, bem como o desenvolvimento da competência leitora, escrita, criatividade e imaginação, fazendo com que o aluno seja um sujeito crítico e reflexivo do seu papel frente à sociedade, tendo em vista que a obra abrange uma infinidade de situações essenciais ao ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do que foi dito, salienta-se a importância da presente proposta, sobretudo na concepção da língua, a qual é compreendida de infinitas maneiras, por este motivo é um processo mutável ao longo dos anos, logo não se pode pensar em uma língua invariável, única e estática que não se permita alterações, mas é necessário compreender seu dinamismo e defini-la como um objeto intrínseco ao processo de comunicação, podendo ser analisada por diversos fatores dentre eles os aspectos sociais, históricos e culturais que diferenciam determinadas sociedades. Dessa forma há um conjunto de heterogeneidades, que fazem da língua um mecanismo de ação, movimento e por esse motivo, variável.

O estudo se debruçou na análise da obra de Aristides Fraga Lima, mais precisamente “Mané Tomé, o Libertado”. A qual retrata uma vasta riqueza de elementos linguísticos, trazendo características típicas do povo nordestino, nos falares e dizeres, nas crenças e credences, nos costumes e tradições típicas do regionalismo enraizado na sociedade. Nesse sentido, a obra “Mané Tomé, o Libertado”, é fortemente marcada pela nítida presença da identidade cultural do escritor Aristides Fraga Lima e retrata elementos específicos da região Nordeste, sendo apontados hábitos intrinsecamente ligados ao contexto regional, como o respeito as histórias de lobisomem, caipora e dentre outros personagens lendários e a tradição dos festejos juninos, cujo maior símbolo é acender a fogueira no dia de São João, além de um traço cultural é também uma manifestação religiosa, a fogueira é uma forma de homenagear o Santo, sendo esta uma herança do catolicismo que é predominante na região nordestina.

Diante da compreensão voltada para o comportamento linguístico dos falantes dentro de um sistema das diversas redes de interação, e as regras nas quais os falantes são submetidos, é pertinente dizer que a análise da língua se apresenta de maneira etnográfica voltada para a comunicação, que propõe a investigação dos fenômenos linguísticos, considerando os aspectos extralinguísticos como: idade, sexo, escolarização e origem do falante, sendo pré-requisitos básicos para a compreensão dos fenômenos observados.

Sendo assim, faz-se importante destacar que o ensino de gramática propõe a exposição de regras estruturais da fala e da escrita, sendo estas heranças da tradição greco-latina que, segue uma linhagem voltada para a lógica organizacional imposta aos falantes que objetivam expressar-se de maneira a trazer clareza na oratória e/ou discurso. Assim, a língua é tida como homogênea, estática e invariável. Para tanto, o que se pode observar é a escolha de textos

modelos dotado de um bom uso da língua, visando atingir os objetivos, visto que o foco está voltado para a transmissão de uma visão purista da língua, opondo “certo” e “errado”, excluindo de seu escopo todas as demais variedades existentes na sociedade.

Tais apontamentos foram abordadas durante a construção do marco teórico, e foi aprofundado de maneira mais abrangente, no marco analítico, através da análise do objeto de estudo, no caso a obra “Mané Tomé, o Liberto”, atendendo completamente aos objetivos traçados no início dessa produção.

Sendo assim é perceptível que a língua pode ser observada como um fenômeno de expressão do pensamento e instrumento de comunicação, ela também é vista fora de seu contexto de utilização, fundamentando-se nos pressupostos do estruturalismo, partindo deste conceito, é pertinente dizer que a língua é um sistema de códigos que, por sua vez, é aprendido pelos falantes com a finalidade de adquirir o processo de comunicação entre as comunidades utentes a língua. No processo de linguagem, enfatiza a importância da interação voltada para o significado de mundo, destacando que a linguagem é social, histórica e coletiva, na qual o indivíduo significa o mundo através da relação com o outro e da socialização entre os demais falantes.

Destarte, essa pesquisa foi de suma importância para minha formação profissional, além de uma realização pessoal de estar desenvolvendo um projeto que visa contribuir para a valorização da literatura local, através da inserção da obra de Aristides Fraga Lima, no ensino de língua portuguesa no município de Paripiranga, considerando que a obra “Mané Tomé, o Liberto”, apresenta uma série de fatores que contribuem para uma prática inovadora, capaz de mobilizar a aprendizagem significativa, visto que abrange uma gama de conhecimentos, com destaque aos aspectos linguísticos, culturais, históricos e sociais, os quais foram o foco central desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BAGNO (ORG.), Marcos. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.
- BAGNO, Marcos. **As cores que eu não sei o nome**. In: *Português ou brasileiro?* São Paulo: Parábola, 1996.
- BAGNO, Marcos. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: opressão? Liberdade?** 4.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- BOSI, Alfredo. **Historia Concisa da Literatura Brasileira**. 44 Ed. Cultrix: São Paulo, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999. p.127.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CARVALHO (ORG.), Maria Cecília M. de. **Construindo o saber: Metodologia científica**
- CASTILLHO, A. T de. **A língua falada no ensino de português**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto, 1950- **Linguística histórica: uma introdução ao estudo das línguas**. São Paulo: editorial, 2005.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística I**. objetivos teóricos. 6º ed, 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- Fundamentos e técnicas**. 9.ed. São Paulo: Papyrus, 2000.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

- José de Anchieta: **teatro, de José de Anchieta**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NETO, José Borges. **Ensaaios de filosofia da linguística**. São Paulão: Parábola editorial,2004.
- LAJOLO, Marisa. **O Que é Literatura**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 17ª ed. 1995.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LEITE, Y, CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- O descobrimento do Brasil**: a carta de Pero Vaz de Caminha, de Pero Vaz de Caminha. Introdução, atualização e notas Silvio Castro. Porto Alegre: L&PM,19985.
- Poemas escolhidos, de Gregório de Matos**. Seleção, introdução e notas José Miguel Wisnik. São Paulo: Cultrix,1997.
- SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios /Thaís Cristóforo Silva. 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2003.
- SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção**: Peter Weir. EUA: Buena Vista Pictures, 1989, 1 Vídeo Cassete (129 min.), VHS, son, Color.
- TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática e Interação**: Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8ªed. São Paulo: Cortez, 2002.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática.14.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ANEXO A - TERMO DE RESPONSABILIDADE DO REVISOR DE LÍNGUA PORTUGUESA



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO REVISOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Anexar documento comprobatório de habilidade com a língua, exceto quando revisado pelo orientador.

Eu, Jefferson Reis Santos,

declaro inteira responsabilidade pela revisão da Língua Portuguesa do Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulado:

"Nóis pranteiros e nós vamos cuiz": análise de aspectos linguísticos na obra "Mané Tamé, o Libertado", de Aristides Fraga Lima.

a ser entregue por Jeanne Tereza Rosa Santos,
acadêmico (a) do curso de Letras.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade no que se refere à revisão do texto escrito no trabalho.

Paripiranga, 09 de julho de 2021.

Jefferson Reis Santos
Assinatura do revisor



Avenida Universitária, 23
Parque das Palmeiras Cidade Universitária
Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno Paripiranga - BA

BR 116 - KM 277
Tucano - BA

Rodovia Lomanto Junior, BR 407 - Centro
Caixa postal nº 165 Senhor do Bonfim - BA

Rodovia Antônio Martins de Menezes,
270 Várzea dos Cágados
Caixa postal nº 125 Lagarto - SE

Avenida Universitária,
701, Bairro Pedra Branca, BR 324
Jacobina (BA)

Rua Dr. Angelo Dourado,
nº 27 - Irecê-BA, 44900-000.

ANEXO B - TERMO DE RESPONSABILIDADE DO TRADUTOR



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO TRADUTOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: INGLÊS, ESPANHOL OU FRANCÊS.
Anexar documento comprobatório da habilidade do tradutor, oriundo de IES ou instituto de línguas.

Eu, **Aurelia Emilia de Paula Fernandes**, declaro inteira responsabilidade pela tradução do Resumo (Abstract/Resumen/Résumé) referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulada:

"Nóis prantemo e nóis vamo cuiê": análise de aspectos linguísticos na obra "Mané Tomé, o Liberto", de Aristides Fraga Lima

a ser entregue por **Jeane Tereza Rosa Santos**,

acadêmico (a) do curso de **Letras**

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade pelo zelo do trabalho no que se refere à tradução para a língua estrangeira.

Paripiranga, 09 de julho de 2021.

Aurelia Emilia de Paula Fernandes

Assinatura do tradutor

 Avenida Universitária, 23
Parque das Palmeiras Cidade Universitária
Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno Paripiranga - BA

BR 116 - KM 277
Tucano - BA

Rodovia Lomanto Júnior, BR 407 - Centro
Caixa postal nº 165 Senhor do Bonfim - BA

Rodovia Antônio Martins de Menezes,
270 Várzea dos Cágados
Caixa postal nº 125 Lagarto - SE

Avenida Universitária,
701, Bairro Pedra Branca, BR 324
Jacobina (BA)

Rua Dr. Ângelo Dourado,
nº 27 - Irecê-BA, 44900-000.

**ANEXO C - FOTOS DE ARISTIDES FRAGA LIMA, AUTOR DA
OBRA “MANÉ TOMÉ, O LIBERTO”, COM OS SEUS
FAMILIARES**



Foto 1: Aristides Fraga Lima com os filhos.
Fonte: Acervo pessoal de Maria Tereza Pondé Fraga Lima.



Foto 2: Aristides Fraga Lima com esposa e filhos.
Fonte: Acervo pessoal de Maria Tereza Pondé Fraga Lima.



Foto 3: Aristides Fraga Lima em Família
Fonte: Acervo pessoal de Maria Tereza Pondé Fraga Lima



Foto 4: Aristides Fraga Lima com a Família
Fonte: Acervo pessoal de Maria Tereza Pondé Fraga Lima



Foto 5: Aristides na Primeira Comunhão de Mônica.
Fonte: Acervo pessoal de Maria Tereza Pondé Fraga Lima.



Foto 6: Aristides Fraga Lima e a esposa.
Fonte: Acervo pessoal de Maria Tereza Pondé Fraga Lima.

ANEXO D – DOCUMENTO REFERENTE À LEI Nº 52114/96, QUE TORNA ARISTIDES FRAGA LIMA UM LOGRADOURO PÚBLICO

24/06/2021

Lei Ordinária 5214 1996 de Salvador BA



www.LeisMunicipais.com.br

LEI Nº 5214/96

DENOMINA RUA ARISTIDES FRAGA LIMA A UM LOGRADOURO PÚBLICO DESTA CIDADE.

A Prefeita Municipal do Salvador, Capital do Estado da Bahia, faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica denominada Rua Aristides Fraga Lima, a Estrada de Armação, logradouro público nº 0165 que tem início no logradouro nº 2870 e termina no logradouro nº 4877, Zona de Informação nº 21 e Região Administrativa - VII, cujas Coordenadas Cartesianas de início são X-559-140 Y-8.563.905 e fim X-559.646 Y-8563.902, conforme planta de localização em anexo.

Art. 2º As despesas decorrentes da presente Lei correrão por conta da verba própria do orçamento vigente.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

Gabinete da Prefeita Municipal do Salvador, em 19 de dezembro de 1996.

LÍDICE DA MATA
Prefeita

Data de Inserção no Sistema LeisMunicipais: 20/04/2010